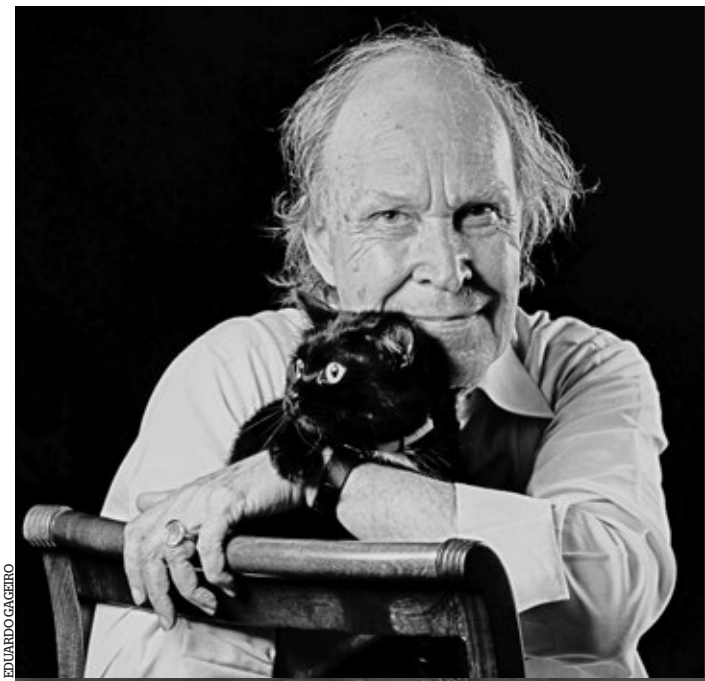
PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
16 Dezembro de 2015
Nº **160** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

ENTRE NÓS // PÁG. 2

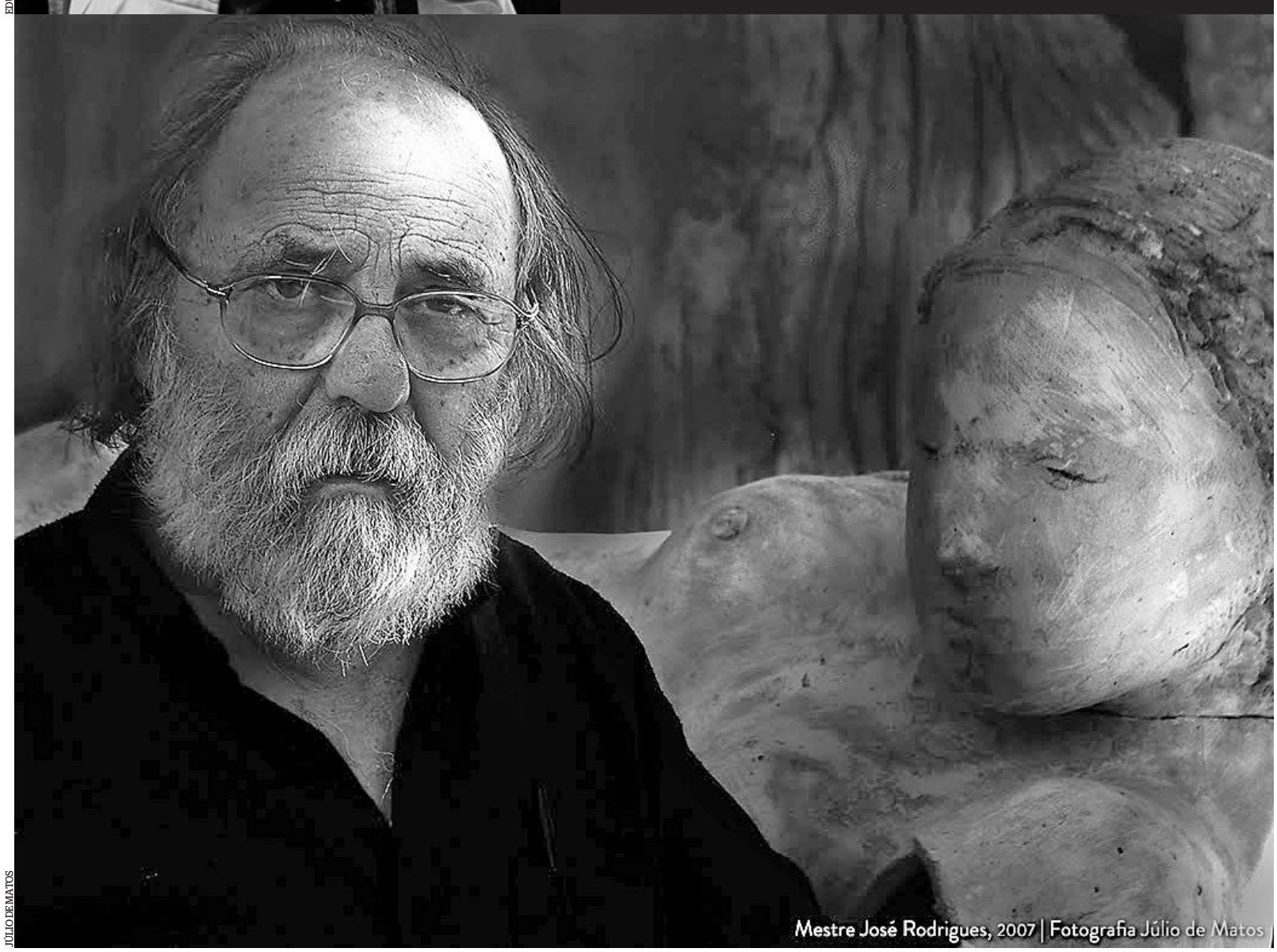
"Santa Maria Madalena"
Josefa de Óbidos
MMIPO
17 DEZ - 20 JAN



EDUARDO GAGEIRO

ARTE // PÁG. 15

Eugénio de Andrade e José Rodrigues
Cumplicidades



JÚLIO DE MATOS

Mestre José Rodrigues, 2007 | Fotografia Júlio de Matos

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | **Levi Guerra**
Lídia Jorge | Mário Cláudio
Miguel Cadilhe | **Miguel Veiga**
Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **Alberto Cadilhe** | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | **Artur Serra Araújo**
Carlos Cabral Nunes | **Carlos Tavares** | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | **Francisco d'Eulália** | Francisco Noronha
Francisco Simões | **Guilherme d'Oliveira Martins** | Helena AM Pereira
Jorge Leandro | **Jorge Sanglard** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | **Manuel Sobrinho Simões**
Manuela Aguiar | **Maria Antónia Jardim** | Maria do Carmo Cardoso Mendes | **Martinho Soares** | Miguel Leite | **Mónica Baldaque**
Paulo Ferreira da Cunha | **Ramiro Teixeira**
Rodolfo Alonso | **Rudesindo Soutelo** | Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

PARCERIAS

APOIOS

Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do BancoBIC

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

Os sinos tocam a alma de cada ser humano que acredita que a época natalícia é uma oportunidade para se ser mais feliz através do riso, da alegria, da esperança, de gestos de caridade e de um pouco mais de disponibilidade para os afectos e para a partilha da luz.

Continuo a acreditar que o Natal vale realmente a pena ser sentido e vivido no espírito da cumplicidade das famílias e dos amigos que estão perto e que estão longe e, sobretudo, com o passar dos anos e da vida, vejo no Natal uma oportunidade mágica de felicidade temporária, mas intensa, fechada em abraços que chegam através de postais ilustrados com motivos que me devolvem a infância, de telefonemas recheados de carinho e de lembranças embrulhadas de flores.

Mas as luzes multicores das cidades não apagam a realidade dos que continuam esquecidos na sua solidão: os velhos arrumados com os seus haveres em casas apagadas de carinho, ou em lares onde é afixada com a decoração natalícia a ternura politicamente correcta desta quadra!

Há vários alertas neste sentido e, "as consciências mais pesadas", até conseguem a façanha tamanha de uns minutos para uma visita breve ao pai, à avó, ao tio, à amiga, aos vizinhos de que ignoram a existência ao longo do ano, e na repetição dos anos!

Recebi ontem (escrevo hoje, dia 11) e através de um email do meu "velho" amigo das lides jornalísticas Alfredo Mendes um pequeno e extraordinário vídeo de um anúncio de Natal alemão que, pelos vistos, corre o mundo virtual da internet e fala de um mundo real – do tal mundo real que a ficção publicitária ou outra, ainda não atinge!

Com o título "É tempo de voltar a casa", Edeka, a maior rede de supermercados da Alemanha, lançou o referido anúncio neste período natalício para alertar sobre a solidão entre os mais velhos.

Na história um idoso chega a casa, vindo do tal supermercado, e ouve as mensagens dos filhos a dizer que não podem ir passar o Natal com ele, prometendo que o fazem no próximo ano. Passados três anos, ele continua sozinho na noite de Natal.

Noutra cena, os filhos e netos recebem mensagens e cartas com a notícia de que o pai e o avô morreu. Enlutados dirigem-se para a casa do idoso, mas quando entram encontram a mesa posta para a Consoada e o pai na cozinha, que ao vê-los pergunta: "De que outra forma conseguiria que estivéssemos juntos?".

É... De que outra forma, a não ser nos funerais, e nem em todos, é que as famílias e amigos arranjam umas horas para visitar os seus velhos?!

A solidão e o esquecimento matam no mundo inteiro – e esta afirmação não é um slogan vazio de gente!

Aquele anúncio é um bom exemplo de publicidade positiva, que obriga a pensar, não enganosa, e baseada em factos reais – talvez com o exagero da recheada mesa alemã...!

Para este Natal 2015, Ano Internacional da Luz, a equipa do "As Artes entre As Letras" deseja a todos um tempo de Paz e de partilha presencial do que de melhor cada um tem para dar e receber: um pouco do tempo do outro acompanhado de uma overdose de alegria e de carinho.

A cada um, boas leituras natalícias!

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Museu da Misericórdia no Porto

A exposição da pintura «Santa Maria Madalena» de Josefa de Óbidos inaugura amanhã, 17 de Dezembro, a partir das 17 horas, no Museu da Misericórdia do Porto (MMIPO). A sessão, que conta com a presença do proprietário da obra, Philippe Mendes, e o provedor da Misericórdia do Porto, António Tavares, inicia-se com uma conferência sobre a pintura por Joaquim Oliveira Caetano, do Museu Nacional de Arte Antiga. Às 18 horas, os Solistas Orquestra XXI: Adriana Ferreira (flauta) e Zita Silva (harpa) realizam um recital de flauta e harpa, seguindo-se a inauguração da exposição da pintura. A obra estará exposta no Porto até ao dia 20 de Janeiro, antes de integrar o Museu do Louvre. No dia 18 de Dezembro haverá uma visita à obra «Adoração dos Reis Magos» orientada por Nuno Rezende (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), às 16h30. A participação, com um custo de 3,50 euros e obriga a inscrição (publicos@mmipo.scmp.pt). Um dia depois, às 17 horas, o Museu promove um concerto do Grupo Coral da AXA, com entrada livre, na Igreja da Misericórdia do Porto. A 28 de Dezembro haverá um novo concerto, de entrada livre, na Igreja da Misericórdia do Porto. Terá início às 18 horas e o palco será do Coro Gregoriano do Porto. Já em 2016, no dia 5 de Janeiro, será feita uma visita orientada pelo Serviço de Públicos do MMIPO às imagens de Santa Ana na Misericórdia do Porto, da Igreja de Nossa Senhora da Esperança, a partir das 16h30. A visita terá um custo de 3,50 euros e inscrição em publicos@mmipo.scmp.pt.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:
Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello

Guilherme d'Oliveira Martins
presidente do CNC

René Girard - Mimetismo e Liberdade

René Girard (1923-2015) é um dos pensadores contemporâneos mais estimulantes no tocante à análise da violência e da sua superação nas sociedades humanas. A partir da noção de «violência mimética», da leitura da Bíblia e do cristianismo, o autor de «Le Bouc Émissaire» (Grasset, 1982) procurou uma explicação para evolução divergente entre as religiões arcaicas e a judaico-cristã no tocante aos mitos violentos originais.

Vindo da Literatura, Girard exerceu o seu magistério nos Estados Unidos, primeiro como professor de literatura francesa, a partir de 1947, depois no estudo das relações entre a literatura e a antropologia religiosa na Universidade John Hopkins, em Baltimore (1957) e por fim em Stanford, a partir de 1980. Duas obras irão abrir caminho ao interesse que logo começa a suscitar a sua reflexão, apesar das desconfianças: «Mensonge Romantique et Verité Romanesque» (Grasset, 1961) e «La Violence et le Sacré» (id., 1972). Natural de Avinhão, filho de um conservador de Biblioteca e do Museu do Palácio Papal, radical-socialista e anticlerical, e de uma católica conservadora dada à literatura, o jovem começou por estudar as referências literárias à vaidade em Stendhal e ao snobismo em Flaubert e Proust, procurando reequacionar o destino do desejo humano, através de diversas obras literárias, com destaque ainda para Cervantes e Dostoievski. Tratava-se de tentar compreender o funcionamento das nossas sociedades, a partir do desenvolvimento humano e da sua lógica profundamente patológica. Afinal, o homem é desejo, mas não desejo de um objeto pela sua função ou utilidade, sim um desejo daquilo que o outro possui. A relação envolve, por isso, três elementos: eu, o outro e o objeto. Daí a rivalidade que leva ao antagonismo e finalmente à violência. Daí que Girard saliente que nas condições sociais do tempo presente, há uma divergência fundamental aos olhos de hoje, entre as religiões arcaicas e a judaico-cristã. Onde as religiões arcaicas criavam um bode expiatório, que encarnava o mal, cujo sacrifício permitiria a reconciliação das massas, o cristianismo proclama a inocência da vítima – Jesus Cristo.

Ao contrário daqueles que referem a Paixão de Cristo como um mito entre outros, René Girard afirma a singularidade e a essencialidade da revelação cristã. Esta não só rompe a lógica negativa da «violência mimética», mas também revela o substrato de toda a cultura humana – e assim o sacrifício apazigua as massas e tem uma função unificadora da sociedade. A teoria mimética permitiria esclarecer não somente a construção do desejo humano e a genealogia dos mitos, mas também a violência presente, a espiral infinita do ressentimento e da cólera. «Hoje, não precisamos de ser religiosos para sentir que o mundo está numa incerteza completa» (dizia o pensador). Daí ter considerado Girard que os atentados do 11 de Setembro de 2001 foram uma trágica manifestação do mimetismo, agora globalizado. No entanto, a comunidade científica foi olhando com muita desconfiança a tentativa de René Girard de explicar do mesmo modo desde os sacrifícios dos astecas até aos ataques do ISIS (Estado Islâmico). Contudo, a sua originalidade é indiscutível e as pistas que lança merecem uma especial atenção crítica. No fundo, é a outra luz que se analisa o movimento de «desencantamento» referido por Max Weber (ou por Marcel Gauchet) – que aparece como um caminho que se desenvolve entre a resposta arcaica e a resposta judaico-cristã. Chegou mesmo a dizer-se que Claude Levi-Strauss tinha encontrado uma resposta estrutural para todos os mitos, exceto para os europeus, enquanto Girard teria encontrado uma resposta universal, baseada na explicação de génese, centrada no cristianismo. Inserindo este num percurso moral e cultural da humanidade, o escritor de «Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde» (1978) encontra nesse caminho a explicação fundamental: «o sagrado aparece com o sacrifício, que é a expulsão ritual do inimigo: enterramos a vítima nas fundações da cidade e o pacto social ameaçado renovar-se-á, tantas vezes quanto necessário pela proscrição do inimigo, a qual será tanto mais económica se for ritualizada. Com efeito, em condições normais, vale mais entregar à ira pública um bode expiatório do que arriscar uma guerra ou do que lançar massas contra outras massas».

Como bem recorda José Tolentino Mendonça, a propósito de haver «uma violência fundadora transferida simbolicamente para a transcendência», a «passagem das expressões sociais violentas à proposição firme e comprometida da paz não acontece por um auto-mimetismo, pois nenhum discurso religioso está na sua formulação, totalmente isento de violência. Impõe vontade e determinação. De facto, «as nossas sociedades não se definem apenas pelo quer integram, mas também pelo que excluem». Daí a necessidade de tomar consciência da violência arcaica que ainda persiste em nós... Se René Girard era um homem de fé, o certo é que nunca escondeu as suas dúvidas e limitações no tocante às explicações dos fenómenos humanos. Como salientou Jean Birnbaum: «Exegeta com uma curiosidade sem limites, (Girard) opunha à ferocidade do mundo moderno, à aceleração do mal, a virtuosidade tranquila dum leitor que nunca deixou de servir as Escrituras» («Le Monde», 6.11.2015). Note-se que René Girard deve ser lido considerando o contributo de outros autores como Giorgio Agamben e Gianni Vattimo, que manifestaram um especial interesse pela obra e originalidade de René Girard. Giorgio Agamben, em «O Poder Soberano e a Vida Nua – Homo Sacer» (tradução de António Guerreiro, Presença, 1998), fala da decadência da democracia moderna e da sua progressiva convergência com os Estados totalitários, nas sociedades pós-democráticas «do espetáculo», resultantes da confluência entre o modelo jurídico-constitucional e o modelo biopolítico do poder. Em lugar do contrato social dos princípios Giorgio Agamben fala do estado de exceção como zona de indistinção entre a exclusão e a inclusão. Trata-se, de algum modo, a materialização da confusão entre o poder político e o poder físico de que fala Kantorowicz, na sua obra clássica sobre os dois poderes da monarquia tradicional e suas sequelas... Num tempo em que a violência parece querer regressar à lógica arcaica (como temos visto com a escalada do terror de Beirute a Paris), René Girard insistia na necessidade de tirar consequências atuais da sua explicação: «estreito é o caminho entre a conservação que mantém os ritos e fossiliza a história, e o falso revolucionarismo que ao refazer a violência, refaz outros ritos que exigem mais vítimas que os ritos precedentes». O certo é que, a partir do momento em que compreendemos verdadeiramente os mitos, não podemos tomar o Evangelho como um outro mito, uma vez que é ele que nos faz compreender a realidade mítica, ela mesma... Quando vivemos intensas perplexidades a propósito da violência que suscita e agrava a violência, importa recordar, com Girard: que toda a violência doravante revela o que revela o lugar essencial da paixão de Cristo, a génese imbecil dos ídolos sangrentos, de todos os falsos deuses das religiões, das políticas e das ideologias»...

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Ramiro Teixeira
crítico literário

"O humor para colmatar a tragédia"

Eis um título que, no seguimento do anterior que o Autor publicou, *As Polémicas de Vergílio Ferreira*, vem a constituir no ensaísmo crítico vergiliano uma referência obrigatória no anverso do que até agora foi referenciado sobre o escritor, o que equivale a dizer tratar-se de uma abordagem nada comum e, consequentemente, de raiz inédita, pesem embora alguns contributos avulsos de autores diversos.

De facto, apresentar um ensaio sobre Vergílio Ferreira na vertente que advém da titularidade que o Autor lhe atribui parece coisa não digo anómala, mas seguramente ao arrepio de tudo quanto sobre ele se publicou, formatado como está pelo censo comum como um escritor de angústias de ser, iluminador tanto da existência como do *fim* que se lhe segue, de situações-limite equacionadas num mundo em crise de valores e sustentabilidade, enfim *problemático* quanto ao sentido da existência e do social.

Dividido em duas partes, a primeira desta obra recolhe as interpretações teóricas e filosóficas de quantos cuidaram de definir o que é o riso, o humor, a ironia, etc., desde a Antiguidade até ao presente, recorrendo aos pareceres de Aristóteles, Sócrates, Platão, Cícero e Quintiliano, passando por Kent, Kierkegaard, Hegel, Baudelaire, Bergson, Freud, Escarpit, Morier, Pessoa, Pirandello, Breton, Pitigrilli, Schlegel, Deleuze, etc., e sobre as quais o Autor estabelece uma espécie de análise teórica-comparativa ajustada a alguns textos vergilianos.

Trata-se duma abordagem e pesquiza deveras exaustiva, minudente, com características objectivamente curriculares, de ensaio/tese, quer pela estrutura, quer pela linguagem recorrente à hermenêutica universitária, revelando-se como trabalho de pesquiza fundamentado para a obtenção de grau académico ou similar.

Quanto à segunda, de feição mais acessível e mais interessante para o leitor comum, fundamenta-se o Autor na recolha e interpretação que opera sobre os textos vergilianos a que recorre, particularmente a partir do romance-charneira *Nítido Nulo*, que assinala como referência de uma *nova viragem no romance de Vergílio Ferreira*, sendo que a primeira foi operada em *Mudança*, título bem esclarecedor.

À luz desta pesquiza e da imensidão dos apanhados que regista, é com alguma surpresa, pelo menos para alguns, que se nos depara um *outro* Vergílio Ferreira, nada condizente com a definição corrente com que é conceptualmente apreciado e entendido.

É claro que este *outro* sempre esteve presente nos "Diários", ainda que não propriamente através do divertimento ou da comicidade das situações, mas antes de *acerto de contas*, passadas e recentes.

Quanto aos seus romances, irónico será, mas a distância incomensurável do mestre Eça, modelo da *Santa Ironia* libertária, assente na delicadeza com que é referenciada. Eça nunca foi cómico e tão-pouco recorreu ao ridículo. Quando muito recriou personagens cómicas e ridículas enquanto figuras representativas da sociedade a que pertenciam. E não por acaso deu-lhes sempre o estatuto de personagens secundárias relativamente ao contexto romanesco por si criado. A sua ironia foi sempre de natureza sócio burguesa, enquanto a de V.F. é de natureza satírica, de acerto de contas na *Conta-corrente(s)* e sócio cultural ou intelectual nos seus romances, razão pela qual neles o humor e/ou ironia ficam, direi, submersos pela seriedade, drama e complexidade das existências das personagens que relata.

Aqui chegado, não será demais recordar o interesse que desde cedo V.F. manifestou sobre o humor de Eça, em razão da qual publicou *Sobre o Humorismo de Eça de Queiroz* (1943), uma plaquete de dificílima obtenção, nunca reeditada e que jamais tive oportunidade de consultar, mas que é recorrentemente citada nesta obra.

Não sei se o que vou dizer de seguida é literariamente correcto, mas o humor reduzido à expressão mais simples, seja qual for a variante utilizada e que verdadeiramente nunca deixou de ser conceptual, desde a ironia ao ridículo, passando pelo sarcasmo, pela sátira e pela anedota, humor negro e o mais que lhe queiram chamar, não passa de um modo expressivo que, antes de mais, procura denunciar, numa escala capaz de chegar até ao achincalhamento, a realidade no que ela possui de decorativo, de insustentabilidade, de ridículo, falsidade e sacanices.

Aceite estes pressupostos, quanto a mim, está explicado a natureza do humor na obra romanesca de V.F., que sem jamais deixar de ser *contabilístico*, o é também de natureza sarcástica. A meu ver V.F. serve-se do humorismo para colmatar a tragédia. Quanto ao riso em si mesmo, enquanto expressão das suas personagens, como acontece com Sandra e Mónica, respectivamente em *Para Sempre e Em Nome da Terra*, as mais das vezes tem a ver com o encantatório feminino, com a luminosidade, beleza e harmonia, com que ele se revela. E que também tem a ver com o sentido *contabilístico*, assento que fica na rubrica do *haver*, em contraponto com a degradação dos sentimentos e do corpo, que são registados no dever. Nesta perspectiva, não me atrevo a dizer que ele, simbolicamente, seja o palhaço que ri para não chorar, mas é seguramente o que vive em angústia e que se serve do humor, ou do que passa por isso, para nos obrigar a reflectir sobre essa angústia, que é também a da sua geração e dos valores que ela encorpara e que teme estejam perdidos para sempre, levando-o a insurgir-se, quase possesso, da seguinte maneira: *Estai calados estupores; Estai calados desgraçados; Ide todos à merda; Para a puta que vos pariu; Que é que vós quereis meus bardamerdas!?* ("Para Sempre", pp.27/8/9 e 30).

Tais expressões, no contexto a que pertencem, rementem-nos para nova forma *contabilística* e para algo que, a fazer fé em carta que me escreveu, teve dificuldade em se aperceber até então: o conflito geracional. Conflito, aliás, já revivido no próprio V.F. em relação a Pessoa, versus "Presença", e que agora é transportado, por exemplo, no questionamento de Xana: *Tu não te sentes uma múmia? Ao que acrescenta mais à frente: O tempo do livro é o da imaginação trabalhosa e nós (os jovens) estamos cheios da realidade. Descreve esta sala e vê o tempo que se leva, tu a escreveres e eu a ler. Mas eu olho a sala e sei logo tudo. O tempo do livro é o do carro de bois. Tenho mais que fazer...* (pp 105).

Eis o epitáfio para a morte do escritor então anacronicamente ainda vivo.

Concluindo sobre o que aqui registo, tenho como certo o seguinte: Vergílio Ferreira, depois de se libertar do neo-realismo, passou a ser um escritor movido pelo pensamento filosófico, recorrendo nos seus romances a um processo de irrisão capaz de captar os leitores sem os molestar com as suas ideias existenciais e metafísicas, ou de os confrontar com a superioridade do seu pensamento caracterizado pelo gosto de pensar (porque o que pensa existe) e de subversão sobre a aparente amenidade do quotidiano.

Em rigor, são as suas ideias as verdadeiras personagens dos seus romances, recriando-as sob a for-

Matilde Queirós Vieira
mestre em Estudos Literários

ma humanizada. E apresenta-as com tal arte, tão coloquiais e quotidianas, tão ao rés da vida comum, que a maioria dos leitores nem se chega a aperceber que por detrás da história que lê fica a reflectir sob o drama da existência, da sua razão e da sua finalidade. Quero dizer, V.F. transforma os eventuais leitores autistas, que lêem por passatempo, em seres pensantes.

Nesta perspectiva, o humor e o riso em V.F. não passam de um recurso para exibir toda a verdade da existência humana, porventura o absurdo que ela representa ou implica, a par da possibilidade de rir da tragédia, da solidão, enfim da impotência para alterar o destino do ser humano – o que nos remete para uma outra vertente deveras curiosa: o exercício do poder.

Na realidade, a ironia e o riso tem por direcção o *outro*, considerado de forma inferiorizada, o que remete para o que provoca o riso uma afirmação de poder. É justamente o que acontece não só com V.F., mas também com Jorge Luís Borges, ambos declaradamente em luta com a estupidez.

Chegado aqui, tenho de pedir desculpa ao Autor deste título por ter resvalado para interpretações minhas, não obviamente em disputa das suas, mas direi, sem presunção, em complemento das mesmas. Ou seja, deixei-me entusiasmar: culpa do Vergílio Ferreira, mas também do Autor que, neste ensaio, abre portas e portões para aquilatarmos quantos V.F. existem num só.

NOTA
Sobre o Riso e o Cómico em Vergílio Ferreira
(Prémio Literário Vergílio Ferreira), **Jorge Costa Lopes.**
Lisboa, Âncora Editora, 2014

"Um Tempo em que Tudo é Verde" *

Se o poeta ilumina a realidade com as palavras, o papel do ensaísta será o de iluminar o texto, não expondo-o cruelmente debaixo de um foco, mas antes deixando a luz incidir levemente, criando sombras, novas formas que se sobrepõem ao texto. A obra albaniana tem sido especialmente feliz neste aspecto ao usufruir, como notou Vítor Aguiar e Silva na introdução a *As Escarpas do Dia (Poesia 1950-2010)*, de "uma recepção crítica de [...] elevada qualidade, com excelentes estudos sobre a sua poética e a sua poesia".

Nessa mesma linha, no ano em que o poeta completa sessenta e cinco anos desde o início do seu percurso poético, inaugurado em 1950 com *Secura Verde* – e que prossegue com especial vigor como o demonstra *Livro de Viagens*, publicado recentemente – Bernardette Capelo-Pereira reúne, num único volume, uma série de textos que consagrou ao longo dos anos à obra do poeta sob mote *Arte e Natureza na obra de Albano Martins*.

A autora demonstra a transversalidade e a importância fulcral desta temática na obra do poeta ao reler textos muito variados como o poema em prosa *Rodomel Rododendro*, a aproximação ao *haiku* em *Estão Agora Floridas as Magnólias* ou a original leitura do conto infanto-juvenil *Uma Casa à Beira da Floresta*. O tom de amizade e homenagem, evidente na introdução do volume e na inclusão de correspondência entre a autora e o poeta, não tolda em momento algum o apurado exercício crítico que marca toda a obra. Na verdade, estes textos, incluídos numa secção intitulada "Depoimentos", ajudam a compreender, a par dos ensaios, a imagem desse "homem sentado sobre a pedra, na inteireza da sua relação com o universo".

O "diálogo permanente" entre a poesia de Albano Martins e a natureza, com profundas raízes na infância do poeta nascido no Telhado, não estará também livre, como observa Bernardette Capelo-Pereira, de influências clássicas e até mesmo orientais.

Prevalece aqui a ideia de um percurso onde a natureza marca uma (po)ética. Da composição orgânica do poema à importância da árvore como símbolo de verticalidade, a natureza estende-se até "às íntimas nervuras do silêncio", metamorfoseia-se nas belíssimas metáforas que compõem os poemas, insinua-se na polifónica paleta de cores convocando todos os sentidos (ou não se assumisse o poeta um "sensorialista"). A poesia albaniana, como demonstra a autora, comove-se perante a grandeza do ínfimo e parece convocar, na sua profunda ligação à natureza, a figura de Anteu.

As polaridades destacadas – música/silêncio, visível/invisível, vida/morte – poeticamente transmutadas na "metáfora vegetal e [na] figura do oximoro" são, perceber-se-á ao longo do livro, reflexo dessa "imagem poética moderna [que] restabelece a unidade na multiplicidade, recupera a riqueza da percepção original nas suas várias significações, estabelece a identidade dos contrários, cria uma nova realidade conservando, no entanto, cada termo concreto e independente", como notou António Ramos Rosa em *Poesia Liberdade Livre*.

A profusão de espécies vegetais, entre elas as muitas flores silvestres, faz parte de um imaginário poético atento "às pequenas coisas", que dispensa o gratuito, vendo nas sucessivas metamorfoses da natureza um tempo que continua indiferente ao homem sob o qual pesa sempre a consciência da morte. Por isso, convivem na poesia do autor árvores esguias e ervas daninhas, ou seja, um lado solar e um lado elegíaco, e a poesia assume-se simultaneamente testemunho e testamento.

Bernardette Capelo-Pereira mostra a natureza na obra albaniana como lugar fundador apresentando-a nas suas diversas matizes, apontando caminhos, e não esquecendo a delicada tapeçaria que a poesia de Albano Martins vai tecendo nos seus cruzamentos com outras artes como a pintura e a música.

Terminada a leitura, persiste a imagem de uma árvore frondosa de raízes firmes, lição de verticalidade, reflexo de uma poesia que nasce para, "Como as bétulas", "florir todo ano e curar /algumas feridas".

NOTA
**Título a partir de um excerto de O Espaço Partilhado (1998)*

NOTA
Arte e Natureza na obra de Albano Martins, de Bernardette Capelo-Pereira. Lisboa, Chiado Editora, 2015.

Cláudio Lima
poeta

"Small is beautiful"

Fernando Venâncio acaba de voltar à ficção, 14 anos volvidos sobre a publicação do *romance El-Rei no Porto* (Ed. Asa - Porto, 2001). Anteriores, apenas mais dois títulos: os contos inaugurais de *Um Selvagem ao Piano* (Ed. Peregrinação - Lisboa, 1987) e o romance *Os esquemas de Fradique* (Ed. Grifo - Lisboa, 1999). Quase ficção poderemos considerar também as crónicas agrupadas em *Último Minuete em Lisboa* (Ed. Assírio & Alvim - Lisboa, 2008) dado que nelas, inventariando as principais polémicas e intrigas que, episodicamente, têm agitado as plácidas águas das nossas letras, fá-lo com considerável dose de "desvairada fantasia", "com muitos factos, várias suposições, alguns devaneios", como se pode ler em nota de contracapa. Aliás, idêntica é a opinião de Ernesto Rodrigues (Actual/Expresso, 3-5-2008) ao afirmar que "entre crónica e leitura, já pela linguagem solta e feliz, ou pelas especulações bem-dispostas e finos diálogos, o contista estava mais do que anunciado".

Fernando Venâncio poder-se-á considerar, portanto, um ficcionista bissexto. Tem privilegiado a atividade ensaística, com obras e intervenções de qualidade reconhecida pelos mais credenciados e exigentes de seus pares, nos domínios da linguística e da literatura. Sem pretender ser exaustivo, passo a mencionar algumas dessas obras: *Estilo e Preconceito - a Língua Literária em Portugal na Época de Castilho* (Ed. Cosmos - Lisboa, 1998) dissertação de doutoramento brilhantemente defendida em 1995 na Faculdade de Letras da Universidade de Amsterdão; *José Saramago - a Luz e o Sombreado*, ensaio (Ed. Campo das Letras - Porto, 2000); a reunião de ensaios e crónicas literárias em *Objectos Achados* (E. Caixotim, Porto) e *Maquinações e Bons Sentimentos* (Ed. Campo das Letras, Porto), ambos de 2002. Além de inúmeros trabalhos publicados em revistas da especialidade e/ou apresentados em seminários e outros eventos académicos.

Português do Baixo Alentejo (Mértola, 1944), concluído em Lisboa o ensino básico e em Braga os estudos secundários, emigrou para a Holanda onde se formou e onde lecionou as disciplinas de Linguística Geral e de Língua e Literatura Portuguesas, em Nimega, Utreque e, sobretudo, em Amsterdão, de 1978 a 2010, ano em que se aposentou. Não obstante ter adquirido a nacionalidade neerlandesa por motivo do foro militar, nunca rompeu o vínculo que o ligava à nossa terra e aos nossos valores, antes os tem divulgado e enaltecido empenhadamente nos mais conceituados areópagos da cultura europeia. Estudioso apaixonado das relações histórico-linguísticas entre Portugal e a Galiza, mantém sobre essa temática um estreito intercâmbio com a Universidade de Compostela.

*

Detenhamo-nos então, um pouco, sobre estes contos de *Beijo Técnico e outras Histórias* (Ed. Ulisseia/Babel - Lisboa, 2015). Para dizer, antes de mais, tratar-se de uma obra que julgamos satisfazer as expetativas do mais exigente leitor. FV não cede ao gosto acrítico e massificado da literatura *light*, também dita de aeroporto; não esperem que este título tão apelativo induza um qualquer produto estimulante da libido. Não tem nada em comum com os metros de celuloide projetando no ecrã arrebatadoras osmoses de paixão (ou simulação dela) entre divas e galãs da sétima arte. Este *beijo*, sendo técnico, é todavia inócuo; tem mais a ver com aquele que Rodin esculpiu no mármore e aqueloutro que Klimt fixou na tela. Reduz-se a três breves parágrafos:

> "Chegou-se e disse-me: «Dá-me um beijo técnico». Dei-lho. Dei logo dois.
> Olhou-me nos olhos. Disse que nunca lhe sucedera nada assim.
> Eu só faço as coisas bem." (pág. 64)

Este estilo incisivo, despreocupado, quase negligente, faz lembrar um pouco o Hemingway das *short-stories* que, sendo geniais, causaram engulhos a certos puristas e perfeccionistas da arte narrativa. Amiúde, ao correr destes setenta e seis textos, nos surpreendemos com a exemplar contenção da escrita. Os mais extensos têm três páginas; os mais curtos, três linhas. Micro-contos, portanto, em que mais que revelar e explicitar, FV opta pela mensagem subliminar, a insinuação, o desafio à capacidade intelectiva e intuitiva. "São histórias curtas, não raro curtíssimas (...) quase todas enigmáticas, desafiadoras, aqui e além improváveis. Mas todas têm consistência e nenhuma é absurda. O Mundo onde elas valem passa-nos sempre perto." – lê-se numa sinopse posta a circular na Internet.

Os ingleses têm uma máxima de exaltação das coisas pequenas: *small is beautiful*. Também aqui, a estes contos exemplares, podemos aplicar o mesmo axioma. Na sua sobriedade, na sua intencional e perfeita linearidade narrativa, a beleza literária e o efeito surpresa se nos deparam constantemente. Linguista de créditos firmados, FV apreende o alcance mais subtil da palavra na harmoniosa composição da frase. Sendo também um melómano, redige um texto com a mesma vigilante disciplina com que comporia uma peça musical.

Na continuação da sinopse atrás referida pode ler-se ainda: "Há assassinatos por um *jakpot*, novelas mexicanas na caixa do supermercado, auto-estradas novinhas a separar amantes. Há um ouvinte cândido de miúdas no cio, paquidermes na sala de estar, triângulos amorosos prevendo o dia de amanhã. Em suma, a exacta realidade, tal como você a conhece." Há tudo isso e muito mais: toda uma cartografia de vícios e virtudes em que a natureza humana é circunscrita; situações várias de um quotidiano ora sofrido, ora ardilosamente dominado e ludibriado com destreza e matreirice; muita divagação pelo irreal, o inverosímil e o bizarro. O trágico e o cómico, pesadelos e sonhos coloridos, egoísmos ferozes e nobres altruísmos, incompatibilidades e reconciliações – em suma, os malefícios de uma civilização desumanizada e a vingança irreprimível de uma natureza agredida.

Admirador de Mário-Henrique Leiria e Mário de Carvalho, talvez de Gonçalo M. Tavares e Nuno Camarneiro, reconhecidos cultores do conto breve, FV escreve estes mini-enredos com a naturalidade com que se respira. E não encontramos uma página, sequer uma linha, vazias de conteúdo, significação e desafio. O grande mérito está precisamente em convidar o leitor a exercitar-se na descodificação da entrelinha, da insinuação, do enunciado. Sempre em linguagem limpa, discurso desafetado, temperado de fino humor, queiroseana ironia. Culto, versátil, determinado, a sua férula de ensaísta e polemista transvasa, também, para o espaço da ficção.

A terminar, deixo-vos com o texto com que encerra o livro. Intitula-se *Facebook* e, num cenário apocalítico, revela a solidão desesperada do último sobrevivente. Lapidar.

> "O último homem sobre a Terra entrou no Facebook e escreveu: «Está aí alguém?»
> Uma semana depois, voltou a ligar. Havia um like. A cinco mil quilómetros.
> Pôs a mochila aos ombros, e partiu."

NOTA

Resumo do texto de apresentação do livro na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva (Braga), em 22 de outubro de 2015

João-Maria Nabais

Os médicos judeus portugueses na Europa de quinhentos

A partir de 1496, com édito de expulsão ou conversão forçada, imposta aos judeus e seus descendentes, por el-Rei D. Manuel I, começa a perigar para eles o direito à tranquilidade, à tolerância religiosa e, por fim, até ao seu direito de permanência que se acentua, drasticamente em 1536 com o seu filho, D. João III, ao ser introduzida, a Inquisição em Portugal.

O século XVI é um tempo de mudanças, cheio de contradições e paradoxos, tanto é o século do progresso científico e da reforma universitária como do curandeirismo e das fogueiras dos Autos-de-fé. Na Europa, estavam em curso a Reforma e as guerras de religião que vão derramar sangue e vidas por dezenas de anos. No séc. XVII, para muitos europeus ser português é sinónimo de ser judeu.

Os hebreus sempre tiveram uma propensão para as actividades comerciais e do intelecto. O ensino da medicina é maioritariamente frequentado por judeus; contudo, vive-se um tempo de lutas e perseguições em perpétua insegurança.

Há uma incapacidade de viver e exteriorizar o que vai na alma, quase um sentimento de ausência e um longo vazio, sem fim à vista. As conversões e o Santo Ofício vão determinar a diáspora luso-judaica.

Quase todos os médicos e boticários deste período são descendentes dos judeus coagidos ao baptismo – os cristãos-novos –; constituem assim um dos alvos preferidos das campanhas de intolerância religiosa. Mais cedo ou mais tarde surge a discriminação profissional, quando não mesmo a perseguição física directa.

Neste particular, a classe dos *físicos* (médicos) é uma das mais afectadas. Muitos deles são obrigados a partir para outras paragens da Europa (onde vão peregrinar desde as cidades da Flandres até à Grécia e norte de África) e do Mundo, seguindo os rumos das novas navegações e descobertas.

A partir de agora, passam a abandonar Portugal, em grupo ou individualmente, espalhando-se pelos principais países, onde já havia judeus estabelecidos gozando de uma maior liberdade religiosa, exs. Itália, Holanda, Turquia, Marrocos, Síria, Brasil, etc...

Um vasto conjunto de médicos sefarditas (judeus oriundos da Península Ibérica) portugueses vai atingir nos recentes países de acolhimento, os mais prestigiados cargos, títulos e honrarias, muitos deles a própria imortalidade.

Algumas das personalidades mais notáveis são: José Vizinho, Abraão Zacuto, Leão Hebreu, Garcia de Orta (Castelo de Vide, 1500-Goa, 1568), Pedro Nunes (Alcácer-do-sal 1502-Coimbra, 1578), Amato Lusitano (Castelo Branco 1511 - Salónica [Grécia] 1568), Cristóvão da Costa (c.1525-c.1594), Francisco Sanches (Braga 1551-Toulouse 1623), Estêvão Rodrigues de Castro, António Nunes Ribeiro Sanches (Penamacor 1699-Paris 1783), etc.

Podemos dizer que a diáspora dos cristãos-novos portugueses reflecte muito de uma luta entre o ser e o parecer. O judaísmo era a essência do seu existir, a identificação com os seus antepassados. Eles eram *o outro*, a afirmação histórica como povo eleito.

No entanto, vão conseguir sobreviver à sua Diáspora (contribuindo para o mito de judeus errantes), elevando-se do próprio martírio e sofrimento, pela unidade na fé e crença religiosa, e assim ajudar à transformação das mentalidades no alvorecer da Idade Moderna, no domínio das ideias e do comportamento, numa declaração de amor à palavra, em busca da Verdade!

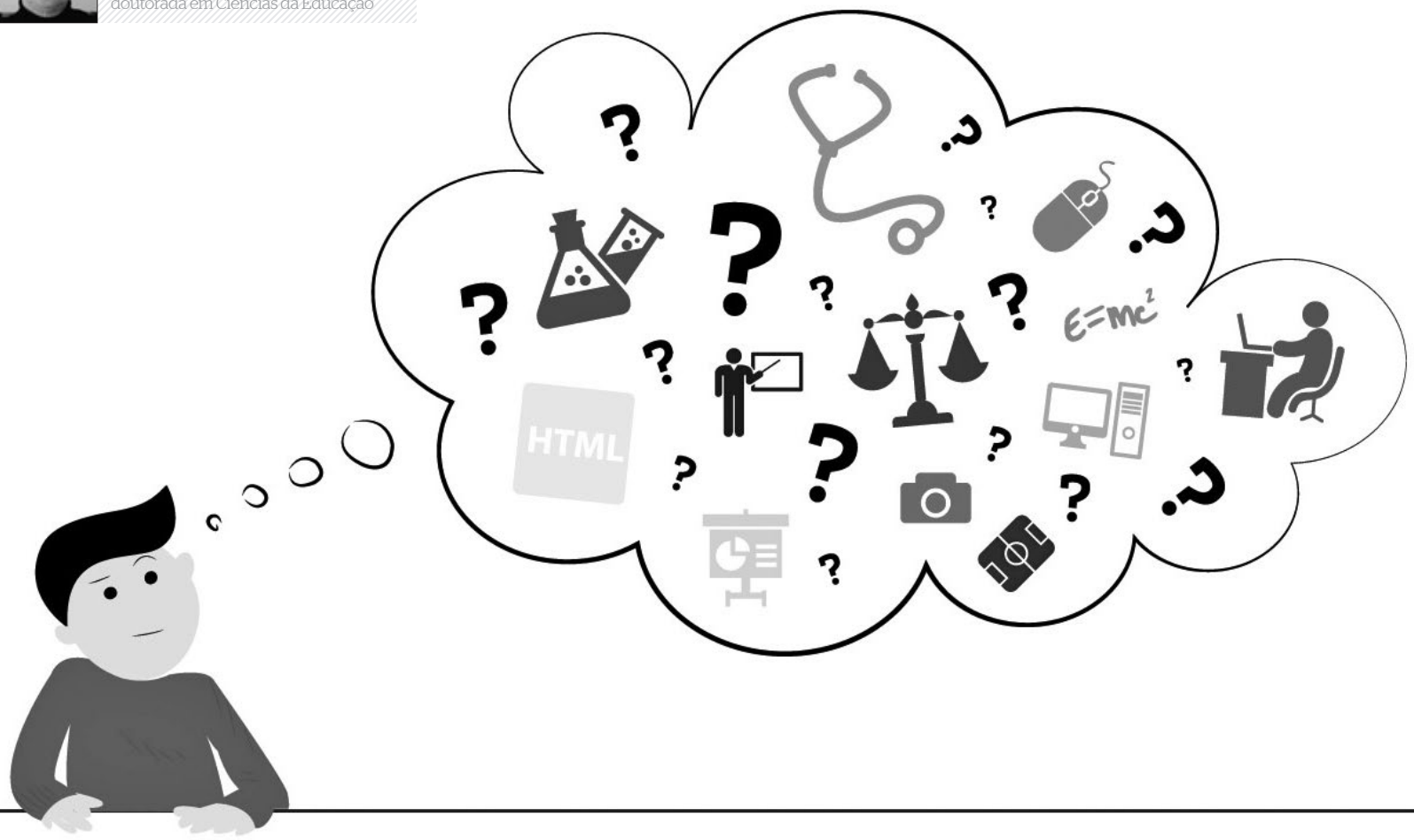
> A História de Portugal, desde a sua origem, está muito ligada ao confronto e coexistência do cristianismo, do judaísmo e do islamismo.

Afonso Pimenta
cronista

O papel dos "Velhos" frente aos jornais em papel

Sabemos que existe, principalmente, devido a milhares de artigos de "opinião" que pululam, à espera de serem encontrados, pela *internet* fora. Mas ouvi- lo, directamente, através das palavras de um obcecado com as venturas – mas não com as desventuras; essas: há que ignorá-las – da "digitalização total" é diferente: "Espero que um dia tudo isto vá abaixo!". "Tudo isto" significava, no seu arrebatado léxico, um desejo. O fim, como se estivéssemos a falar de um simples castelo de cartas, do mais ou menos exausto império das publicações em papel. De tudo o que se convencionou, em poucos anos, apelidar, tentando-o reduzir, de "tradicional". Ou seja: o fim da matéria e da "alma" com que ainda são produzidas muitas publicações que recusaram, até ao momento, sucumbir ao reino único dos "resultados imediatos". Da velocidade mercantil de um jornalismo que é, agora, menos pensado. Que, sabemo-lo, tem dado pouco azo à reflexão demorada e mergulhada. A "solução", em forma de mutação – que nunca vem; que não se sabe, muito bem, para que é que, *exactamente*, serviria, *quem* serviria e com que fins *sociais* –, seria a construção de toda uma arquitectura unicamente "digital". A normalização de uma ideologia que pretende *tentar* transformar, em pouco tempo, várias manifestações do real em produtos afectos ao conceito anteriormente referido. Trata-se de uma posição – que, além de comercial, é também política – que consegue, por vezes, roçar o absoluto fanatismo. Mas como muito disto parece novo, ficção científica e porque cheira a "inovação" – tecnológica –: deixa-se andar. Porque o "futuro" há-de transformar tudo sempre para melhor. Porque uma fuga para a frente parece ser algo de superior. Porque, afinal, poderá significar uma espécie de aurora: um amanhã de plástico resplandecente. Acontece que a "digitalização", aliada a um precário e ultra-veloz capitalismo, traz "pormenores" pouco "eficazes": imagino, por exemplo, o que sentirá um "velho" perante as "maravilhas" da implementação tecnológica contínua num mundo em que estará inevitavelmente ultrapassado pelo conceito de "formação para toda a vida". Fantasio que, por exemplo, sem o seu jornal, pelo menos envergonhado. Sim. Num planeta obcecado por produtos e serviços direccionados para a juventude: o papel dos "velhos" – e daqueles, como eu, que estão prestes a entrar na meia-idade – conta. Importa, por isso, o papel dos "velhos" face aos jornais em papel. Estes, felizmente e apesar de toda a desvalorização de que têm sido alvo, ainda têm uma função – para além da nacional – regional e local. Muitas pessoas passam, ainda, o tempo em cafés "antigos", como em bibliotecas, a conversarem. A discutirem problemas fulcrais para a cidade onde vivem. Tirarem-lhes as publicações que circulam pelas mesas não significa, unicamente, anularem-lhes o espírito. Significa esvaziarem-se espaços de conversa numa "Europa" que é, neste momento, cada vez menos democrática. Significa isolá-los. Pô-los de cabeça para baixo a tentarem entender algo que, devido à velocidade de produção actual, estará, também e em pouco tempo, ultrapassado. Se é, como se tem propagandeado inúmeras vezes, o conteúdo aquilo que mais importa: devemos, de certa forma, "inverter" – ou, pelo menos, repensar – o discurso. Não precisamos de estar, perpetuamente, a mudar de suporte tecnológico. Nisto: deveríamos ser mais constantes. Mais distantes. Mais pausados. Menos supérfluos. Em nome de uma interacção real: café na mesa, companhia e conversa. Não atiremos os nossos "velhos" para mais um fórum na *internet*. Há coisas que não são substituíveis.

Laura Henriques
investigadora;
doutorada em Ciências da Educação



A escolha da profissão

Começou um novo ano lectivo, e com ele surgem as grandes interrogações para os nossos jovens: "Será difícil?"; "Que irei fazer com este curso?"; "É deste curso que eu gosto?"; "Terá saída no mercado de trabalho?"
Foi a pensar nestas questões, que pensámos escrever este artigo.

"A escolha da profissão é das coisas mais importantes e sérias da vida" Pascal

A profissão é sem dúvida o fulcro em torno do qual gira toda a vida do indivíduo. Se por um lado é um instrumento que lhe permite assegurar a sua própria subsistência e da família que constituiu, por outro, é uma função exercida no interesse da colectividade de que faz parte. Logo, esta escolha torna-se quase um dever social, porque implica, directa ou indirectamente, não só uma das necessidades do homem, bem como dos interesses da própria sociedade.
Porém, como se verifica muitas vezes na escolha da profissão esta não é realizada nas condições adequadas, inúmeras vezes ao acaso, ao sabor das contingências e até de outras variantes como a moda, a fantasia, a vaidade e a preocupação exclusiva do ganho. Aspectos estes que podem influir negativamente na vida do indivíduo.
Além do mais, os próprios agentes implicados na escolha da profissão – jovens, pais e escolas – não estão, muitas vezes, aptos para o fazer.
Os jovens por falta de conhecimento de si próprios devido à sua pouca idade. Os pais, pelo carinho e exagerado optimismo quanto ao futuro dos seus filhos, tornam-se juízes muito parciais. Quanto à escola, também ela não pode ocupar-se de orientação profissional, atendendo a que as suas actividades não permitem qualquer tipo de acumulação, para além de que a maioria dos professores não está familiarizada com os aspectos clínicos, fisiológicos, psicológicos, económicos e sociais que o problema de escolha de carreira na sua essência impõe, entre outros.
Atendendo ao conhecimento das várias situações atrás referidas, no que diz respeito à escolha da profissão, cabe-nos informar que na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa existe um serviço intitulado Serviço à Comunidade, que tem como alvo de intervenção crianças e adolescentes, jovens e adultos, sendo, no entanto, os alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, o público-alvo preferencial. Tem como objectivos principais a prestação dos seguintes serviços especializados: intervenção psico-educacional, intervenção e aconselhamento vocacional, neuropsicologia clínica cognitiva e aconselhamento e apoio à construção de projectos de vida e gestão da carreira, utilizando métodos como exame clínico, antropométrico, fisiológico e psicológico.
De acrescentar ainda a existência de eventos, como programas de intervenção vocacional, nomeadamente: "Construir a minha carreira"; "Desenvolver competências para escolher e planear o meu projecto de vida". E ainda o workshop intitulado: "O papel dos pais na construção da carreira dos filhos". Destinado a pais de jovens do 9.º ano e Ensino Secundário.
Este trabalho era anteriormente organizado pelo Instituto de Orientação Profissional, agora extinto.
O Departamento, que temos vindo a referenciar, ajuda portanto à escolha de uma carreira onde os jovens se possam realizar profissionalmente, e tal como nos diz a máxima inglesa: "The right man in the right place".

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Liberdade, Igualdade, Fraternidade

Os atentados de 13.11 em Paris levaram surpreendentemente alguns a adotar a bandeira tricolor. Ouvimos até *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* aparentemente sem lhes queimar os lábios.

A História ou a Providência (ou ambas) parece escreverem por linhas muito enviesadas. Foi preciso uma tal tragédia para que esses altos valores fossem aceites sem sectarismos e preconceitos? Só aparentemente. Quando a calma voltar, talvez até antes, volverá em alguns a aversão à Revolução Francesa. Sempre haverá quem seja contra Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a menos que as mentalidades levassem grande volta, o que não é de prever.

Esta tríade é cristã e progressiva. Nunca será conservadora, muito menos reacionária. Pode haver mistificações ideológicas: não passarão disso.

Camilo Castelo Branco acabaria de algum modo por considerar a tríade inferior aos talvez seus não revelados modelos, o "Sermão da Montanha" e o "sermão da natureza". Sampaio Bruno escavou as raízes do ternário. E a ligação entre a Revolução Francesa e o Cristianismo é explícita em António Sérgio, que considera aquela a consequência natural da "Revolução Cristã".

Mais recentemente, D. António Ferreira Gomes sintetizou:

"Liberdade, Igualdade e Fraternidade – eis a trilogia ideal, que a Revolução atirou contra a Tradição. Que a tradição era cristã era um pressuposto ou um preconceito; mas não se pode negar que esse ideal trilógico aparece no seio da civilização cristã e a ela rescende. À Igreja e à sua pastoral da inteligência compete fazer que este legado da idade moderna à idade contemporânea, que é ainda hoje "modernidade", talvez com outros nomes, deixe de ser mero ideal para se tornar cada vez mais realidade, deixe de ser mero perfume para ser flor. Atirada contra a Igreja essa flor do Evangelho foi lançada como pedrada e como tal sofrida por quase todos em atitude de defesa: eis o grande problema, para a Igreja e não menos para a Sociedade".

D. Manuel Clemente também explicou como a associação do altar com o trono acarretaria reações, numa primeira fase histórica:

"Na Europa latina, as revoluções fizeram-se contra tronos que se escoravam em altares. Tinha-se constituído desde a Idade Média uma teologia política em que, não só os príncipes, mas também a ordem social estabelecida, eram religiosamente legitimados. Não admira, por isso, que a oposição ao Antigo Regime se alargasse ao clero e à religião que o 'justificavam' e com que ele se justificava a si mesmo".

O mesmo autor, em catequese quaresmal na Sé do Porto (25.3.2010), afirmou: "A fraternidade será a mais especificamente cristã das ideias-força contemporâneas. E decerto o mais difícil, pois não lhe bastam as disposições constitucionais e legais, aliás indispensáveis. Reconhece-o o Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n.º 390: '(...) A amizade civil (...) é a actuação mais autêntica do princípio da fraternidade, que é inseparável dos da liberdade e da igualdade. Trata-se de um princípio que permaneceu, em grande parte, não realizado nas sociedades políticas modernas e contemporâneas, sobretudo por causa da influência exercida pelas ideologias individualistas e colectivistas'. O passo é relevante e esclarecedor." .

Uma figura enormemente significativa para a compreensão da raiz cristã da tríade é a de Hans Kung. Num texto de *Das Christentum*, "A liberdade, a igualdade e a fraternidade serão valores não cristãos?", afirma nomeadamente:

"Desde o Vaticano II já se pode em todo o caso dizer publicamente que a divisa "Liberdade, igualdade, fraternidade" – durante muito tempo um slogan diabólico aos olhos da Igreja Católica, que aliás só encontrou formalmente lugar na Constituição Francesa em 1848 – tem um fundamento na Igreja primitiva, o qual, como vimos, foi sepultado desde muito cedo sob estruturas de poder hierárquicas".

E adiante:

"As divisas democráticas da Revolução Francesa não eram necessariamente, a princípio, slogans hostis à Igreja. A Igreja Católica e, em larga medida, as outras Igrejas não compreenderam na época ou não queriam compreendê-las. Porque se tinham elas mesmas afastado em demasia da liberdade, da igualdade e da fraternidade evangélicas primitivas".

Outros escritores vão por uma senda irénica, mas em que sobressai a aspiração a algo mais transcendente e ao mesmo tempo benévolo: Oliveira Martins fala de Ciência, Liberdade e Piedade, como expressões da suprema Ordem. Outros louvam a tríade, não sem terem a cautela de a expurgar dos crimes em seu nome cometidos, como Raul Proença.

Não restarão de qualquer modo motivos para diabolizar a tríade. Por isso mesmo, não se deveria também banalizá-la numa adesão acrítica, ignorando o seu profundo sentido.

A chave da tríade é a Fraternidade. Foi a grande promessa incumprida das Luzes, como refere Eligio Resta. Só ela poderá unir Liberdade e Igualdade. Régis Debray termina um livro fundamental com a exortação a que tiremos da naftaliana a velha senhora Fraternidade. Como tal parece estar longe da Humanidade!

Visita Cultural à Ilha da Madeira

Coordenação de Isabel Ponce de Leão

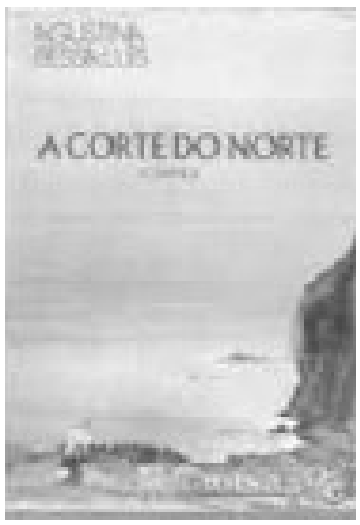
Promovida pelo Instituto Cultural Dom António Ferreira Gomes com colaboração do Circulo Literário Agustina Bessa-Luís (CLABL), do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL – Porto) e do Mestrado em Gestão Cultural da Universidade da Madeira.

De 8 a 13 de Abril de 2016

Objectivos

1. Participação na Festa da Flor

2. Visita à geografia de A Corte do Norte de Agustina Bessa-Luís



Programa

Dia 8 – Viagem Porto-Funchal
Alojamento no Boutique Hotel Castanheiro 4* (NOVO – vai abrir no próximo mês de Novembro e, é muito central – atrás da Igreja do Colégio)
Participação na Festa da Flor: Exposições e animação diversa na baixa da cidade do Funchal.
Passeio pela cidade velha (portas com arte) e visita ao mercado. Passeio de teleférico (opcional - 15 euros)

Dia 9 – Festa da Flor – Cerimónia do Muro da Esperança. Visita orientada por Elsa Bento, mestranda em Gestão Cultural e autora do roteiro, aos locais do Funchal que fazem parte da geografia de A Corte do Norte. Outras visitas opcionais a jardins (Jardim Panorâmico do Funchal, Jardim Botânico, Quinta Magnólia, quinta das Cruzes; Jardim Municipal, Parque de St.ª Catarina, Jardim do Hospício da Princesa D. Amélia) e monumentos (Sé Catedral, Avs. Arriaga e Zarco, Teatro Municipal Baltasar Dias, Palácio de S. Pedro, Fortaleza e Palácio de S. Lourenço, Forte de São Tiago, Igreja do Colégio dos Jesuítas, Fortaleza de S. João Baptista....)
Projecção, no Hotel, do filme de João Botelho, A Corte do Norte – comentários de Isabel Pires de Lima e Vitor Magalhães.

Dia 10 – Áreas de lazer do Hotel. Festa da Flor – Grande Cortejo Alegórico (lugares reservados para assistir)

Dia 11 – Visita à geografia de A Corte do Norte orientada por Elsa Bento, mestranda em Gestão Cultural e autora do roteiro; deslocação em autocarro, almoço em restaurante típico a designar.

Dia 12 – Sessão sobre Agustina Bessa-Luís na reitoria da Universidade da Madeira – Colégio dos Jesuítas.
Preside: Levi Guerra (ICAFG)
Intervenções:
As Brumas do Norte – Teresa Nascimento (CLABL / UMA / CLEPUL)
Agustina e as Flores – M. do Carmo Mendes (CLABL / UM / CLEPUL)
Apresentação de livros:
Colar de Flores Bravias – Ana Margarida Falcão (UMA)
Correspondência Agustina-Régio – Isabel Ponce de Leão (ICAFG / CLABL/ UFP / CLEPUL)
A Corte do Norte – Mónica Baldaque (CLABL)
Crónicas da Manhã (radiofónicas) – apresentador a designar
(...)

Dia 13 – Viagem Funchal – Porto

Voos e hotéis quase esgotados. Mais próximo da data os preços sobem consideravelmente

INFORMAÇÕES: 226102831

Danyel Guerra
jornalista

A grande guerra de Monicelli

"Mario é, antes de tudo, um poeta, um poeta satírico das telas de Cinema"
Luiz Zanin Oricchio

Não fora a circunstância de ter decidido antecipar o manejo da tesoura pela parca "Morta" e podia muito bem acontecer que Mario Monicelli ainda tivesse festejado seu centenário na nossa companhia. Autor prolífero e profícuo, este toscano de Viareggio dedicou-se à sua arte e ofício até ao fim da vida terrena. *Le Rose del Deserto* (2006) foi a derradeira longa-metragem, livremente inspirada no romance *Il Deserto della Libia*, de Mario Tobino. Nem dois anos passados, o resiliente guerreiro persistia em continuar sua grande guerra, assinando a curta *Vicino al Colosseo... c'é Monti*. Exibida no Festival de Veneza, a película é um retrato autêntico de Monti, o bairro romano onde vivia, no n.º 29 da Via dei Serpenti.

Mesmo *the final cut* da sua existência assumiu requintes cinematográficos. Na noite de 29 de Novembro de 2010, pelas 21 horas, numa espécie de *remake* da cena decisiva de *Il Grido* (1957), de Michelangelo Antonioni, Monicelli atirou-se da janela do quinto andar do Hospital San Giovanni, em Roma, onde estava sendo tratado a um câncer na próstata.

Desvelando La Cardinale

De *Guardie e Ladri* (1951) – co-autoria com Stefano Vanzina (*aka* Steno) – a I *Soliti Ignoti* (1958) – que desvelou Claudia Cardinale –, Monicelli percorreu, pertinaz, os caminhos da afirmação, empenhado em refregas árduas e bravas. Como arma, teve sempre assestada uma visão sardônica e satírica, alvejando personagens flácidas ou robustas, situações dramáticas ou caricatas. Enfim, a patética sociedade, humana, demasiado humana, habitada por seres integrados ou marginais, sejam eles policiais e ladrões, pais e filhos, gangsters bem-sucedidos ou falhados, soldados corajosos ou poltrões. A um tempo cruel e meigo, faz desfilar em seu Cinema uma galeria de tipos sociais inscritos no figurino e gosto populares, mas constantemente sujeitos à uma lâmina afiada, que ele esgrime com perícia.

Paladino de um parti-pris humorístico, exibido num volume de inusitada e cáustica derrisão, Monicelli se faz arauto de uma acutilante crítica política dos costumes, por muito que a veicule através do mais hilário dos gags.

À imagem dos timoratos soldados Oreste (Alberto Sordi) e Giovanni (Vittorio Gassman) de *La Grande Guerra* (1959), que os imponderáveis da contenda transformam em heróis imperecíveis, a exemplo de Totó, especialista inábil na abertura de cofres-fortes, as concepções do cineasta de *Un eroe dei nostri tempi* (1955) acolhem uma suprema ironia, matizada num sorriso condescendente, complacente até. Ou não fosse esta a postura mais adequada a adotar nas barricadas das grandes guerras da vida.

Nessa obra axial, Monicelli resume, vigoroso, todo um imaginário vocacionado para a expressão visceral do que há de farsa, drama e tragicomédia no transe da condição (des)humana. E ele não se importa até em ser incômodo, desde que continue sendo cômico.

Embora essa "guerra" se tenha tornado sua obra epítome, muito devido às palmas das plateias e ao Leão dourado do Festival de Veneza, acredito ser em *L'Armata Brancaleone* (1966) que sua carnavalização das lides guerreiras atinja o fastígio. Folia que se prolongou quarta-feira de cinzas adentro, através da sequela *Brancaleone alle Crociate* (1970).

Burlesca, a personagem, interpretada por Gassman, age e reage como uma daquelas ridículas figuras dos romances de cavalaria. Brancaleone da Norcia é um justiceiro tão utópico como bizarro, senhor absoluto de uma farsa em que se implanta a ordem e a desordem do picaresco. Sua fidelidade ao código de honra da cavalaria, nomeadamente o voto de castidade, precipita-o, por paradoxo, em situações que põem em risco a própria vida.

Nem o dente do siso do mais sisudo dos espectadores ficará impávido diante da catarata de dislates disparada por esta farândola, liderada por um capo tão estabanado, como irrisório.

Para muitos críticos, este díptico seria, afinal, um genuíno exemplar do que catalogavam como a *commedia all'italiana*, subgênero que tem ainda hoje os nomes de Dino Risi e de Luigi Comencini como importantes referências. Rótulo que Monicelli, de resto, nunca se dispôs a colar nas latas das suas películas. No seu entendimento, recorrendo a esse eufemismo, a crítica pretenderia significar que esse Cinema é um "lixo".

(Des)classificações à parte, na sua visão, a comédia italiana que ele registrava era(é) "irônica, por vezes amarga e, em alguns casos, mesmo dramática, quando não trágica".

Capaz de oscilar, num átimo, entre a tragédia e a comédia, a pena do chargista Monicelli tem traços e riscos semelhantes ao nonsense de Raul Solnado, soldado travando a Guerra de 1908, absurda ao exagero de ter horário de expediente, intervalo para almoço, jantar e até permissão para um lanchinho.

«Textos de Teatro para Cena» e a cultura teatral

Jorge Castro Guedes na 1.ª pessoa

Editado em Maio pela Letras & Coisas, em parceria com o Grupo Maçã Vermelha de Felgueiras, o livro do nosso colaborador Castro Guedes «Textos de Teatro para Cena» só agora foi apresentado em Lisboa na emblemática livraria Ler Devagar, no passado dia 5. A apresentação foi integrada num evento organizado por Dogma\12: «Mesa-Redonda com Pano Caído: Esconjuro Contra o Mau-Olhado sobre o Teatro Português». Não eram muitos, mas também não eram poucos para coisas do tipo (21) e numa tarde de sábado, em que não faltavam ofertas. Porém, o debate foi rico, participado e variado. Desde logo marcado pela primeira intervenção, de António Braz Teixeira, afirmando que o desconhecimento da dramaturgia portuguesa no próprio teatro "é por ignorância. Uma ignorância que vai ao ponto de acharem que tudo o que não conhecem, não existe".

Castro Guedes, chama às 19 peças que integram o livro de 585 páginas, «Textos de Teatro para Cena». Não são peças?
O conceito de peça remete para uma obra fechada, de diálogos entre personagens pré-definidas, em que os actores são intérpretes das didascálias, sob a direcção de um 'ensaiador', que zela pelo respeito pela obra (peça) de um autor literário. O nome persiste, inadequadamente, como herança do Teatro Romântico e, quando muito, de algumas obras do Realismo. Pessoalmente, assento no texto para partir para o resto. Mas o objecto teatral (que até pode não ter texto) tem, hoje mais do que nunca, uma autoria múltipla. O conhecimento das práticas cénicas é fundamental para a dramaturgia. Em certo sentido, Sófocles foi o primeiro encenador, além de ter sido dramaturgo!

Este foi um dos aspectos que o debate não ignorou a propósito de escritores de peças que se insurgiram, no século XX, contra a intervenção no texto, incluindo a própria análise dramatúrgica, como sublinhou o actor e encenador Paulo Lages, citando mesmo a nota final do livro: *"Apesar de todas as didascálias – algumas bem rigorosas – na qualidade de autor do texto, sou absolutamente aberto a modificações, a modificações e reinterpretações que o autor de cena, o encenador, entenda introduzir. Desde que não seja um acto deliberado de escrever outra coisa".*

O que disse, associado à intervenção referida, quererá dizer que o lugar do dramaturgo foi substituído pelo do encenador?
Não. Admito que nos últimos 50 anos, o autor do texto – e o próprio texto em algumas vanguardas – foi secundarizado e quase substituído pelo encenador. Mas não é disso que falo, nem seria isso o que o Paulo quis dizer. E, felizmente, assistimos ao regresso do texto e do actor, também secundarizado! A questão das autorias múltiplas, demais com toda a parafernália de elementos ao dispor do objecto cénico, o dramaturgo tem de conhecer bem a cena. Tivemos entre nós o Armando Nascimento Rosa, que é um desses casos. Não é encenador, nem actor, mas dramaturgo de muita qualidade e professor de teatro. Conhece o teatro por dentro. Não se põe em casa a escrever sem saber para que servem a teia ou os bastidores num palco. Daí decorre grande parte do nível dos textos, aliados ao talento.

Foge sempre para o teatro no palco, mesmo como autor de um livro...
Eu sou um encenador que começou a escrever para fazer os textos e não para terminarem em edição. Embora isso me encha de orgulho e gratidão aos editores, num livro de textos de teatro o importante é ele servir para deles se tomar conhecimento; e ficarem como uma memória futura. Mas há textos que ficam para sempre mesmo enquanto textos. Olhe: os de António Patrício, que devem ser "só" os melhores do Mundo na sua corrente estética.

Todavia, o aspecto da escrita directa para ser feito o texto pelos mais jovens criadores tornou-se recorrente, como também Paulo Lages assinalou no debate, reservando que nem sempre isso é bom sinal. Sobretudo porque, como dizia depois em conversa informal com o próprio Castro Guedes e Armando Nascimento Rosa, muitos deles tinham origem na moda de uma *"trash art"* com recurso a textos absolutamente menores e na manutenção da ignorância sobre a grande dramaturgia.

Concorda?
Armando Nascimento Rosa também referira que como exercício perguntava muitas vezes aos seus alunos (do Ensino Superior, entenda-se) o que pensariam que aconteceria a Sarah Kane se fosse portuguesa... E que ele mesmo lhes dizia que provavelmente seria internada num manicómio, enquanto os ingleses aproveitaram a singularidade da sua escrita para a tornar famosa em todo o Mundo.

Que pensa disso?
Penso que aquilo que o Armando disse é paradigmático sobre o desinteresse das "elites" portuguesas pelo que é seu. Mas a internacionalização e êxito destes epifenómenos nada me diz. Os *McDonald's* são uma indústria alimentar mundialmente conhecida e frequentada, são mesmo uma "marca cultural" sem que isso signifique qualidade nutricional ou *gourmet*... A Sarah Kane, e alguns outros que estão na moda, são o *fast-food* no teatro contemporâneo. E que chega cá já requentada.

Não se ofenda. Mas não acha isso presunçoso?
Vou responder com outra coisa. Nixon foi Prémio Nobel da Paz. É presunçoso se disser que é um criminoso de guerra? Para mim e para muitos... é.

Opiniões, irreverentes como costumam ser as de Castro Guedes. Mas sobre o tema da qualidade de alguns textos estrangeiros, a responsável de um grupo de amadores referiu que *às vezes tinha pena de ver tão bons actores a representarem textos tão maus*. No que a concordância foi unânime, mas não sem que Braz Teixeira deixasse de contrapor que a inversa também era verdadeira. E assim se procurou "esconjurou o mau-olhado sobre a dramaturgia portuguesa".

Se alguém tiver dificuldades em encontrar o livro, pode escrever a encomendar para o autor através do e-mail dogma12.estudio@gmail.com

Helena AM Pereira
museóloga

António Cruz e o Inverno do Porto

Há em António Cruz (1907-1983) a subtileza dos poetas românticos e, ao mesmo tempo, a agudeza dos realistas.

Em 1956, Manoel de Oliveira (1908-2015) imortaliza-o em "O Pintor e a Cidade", filme que realiza no seguimento de um estágio que faz na Alemanha para estudar a cor. No regresso, compra uma nova máquina de filmar e inicia a rodagem sozinho, financiando, ele próprio, a totalidade do projeto. "O Pintor e a Cidade" é tudo menos um documentário sobre o Porto. É antes uma deambulação pela cidade através do olhar do pintor. E o pintor, esse, olha a cidade invernil, das neblinas que caem sobre o rio, dos casarios tristes e das ruas íngremes, o Porto dos serões de domingo a ouvir a banda no coreto, o Porto dos cargueiros, em pinturas em que quase ouvimos o som de chamada do carvão. Pinta as gentes, mas também pinta as fachadas e os granitos que são património de todos.

Sabe que o Porto é uma cidade de pintores. A cidade do Porto é uma velha tapeçaria, especialmente observada dali, do lado de lá, Vila Nova de Gaia. É nos dias de Inverno em que há aquelas brumas sobre o Douro, a desfazer-se de manhã, a levantar-se, e começam a aparecer, a surgir uns pedaços da cidade do Porto, aquela Sé, aquela acrópole da Sé e o Paço Episcopal, a Vitória e aquela freguesia de Miragaia, em frente à Alfândega, aquilo é muito belo.

Eram estas as palavras de António Cruz que abriam a exposição monográfica, organizada pela Cooperativa Árvore, que depois da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, esteve patente, de 6 a 29 de novembro, na Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto. O espaço museológico, de tutela municipal, está situado num edifício da primeira metade de setecentos que enquadra a arquitetura do seu tempo na muralha e no conjunto patrimonial do tal morro da Sé que António Cruz tanto pintou. O evento não resulta, portanto, de coincidências. António Cruz volta à casa que Isabel Guerra Junqueiro comprou em inícios do século XX para instalar a coleção de seu pai, o poeta e republicano natural de Freixo de Espada à Cinta. Isabel que, aliás, pertencia ao grupo de entusiastas da obra de António Cruz que, em 1939, lhe organizou a primeira exposição individual, no Salão Silva Porto. Sem coincidências, a exposição de novembro de 2015 é comissariada por Laura Soutinho, esposa do falecido Alcino Soutinho, arquiteto responsável pela remodelação da Casa-Museu Guerra Junqueiro em 1995. A inquietude e beleza da obra de António Cruz, em combinação com tantos detalhes, plenos de memórias e de afetos, torna-se História, vive no tempo.

S/Título, 1960. Aguarela sobre papel

FOTO: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Nas palavras de Abel Salazar (1889-1946), "António Cruz (...) é sem contestação possível o maior aguarelista português dos tempos modernos. Tirou a aguarela da banalidade para que a tinham arrastado Roque Gameiro e os aguarelistas portugueses. Deu-lhe grandeza, ressonância sinfónica; levou-a até atingir o valor de uma alta expressão sintética e afastou-a da superficialidade habitual (...)". Arriscaria mesmo dizer que, António Cruz deu temperatura à aguarela, o que contrasta com a iconografia colonialista e o *modus naïf* de Roque Gameiro (1864-1935), que o Estado Novo usou para contar o Mundo Português.

Dois anos antes da realização de "O Pintor e a Cidade", em 1954, Jaime Isidoro (1924-2009) e o Grupo Alvarez tinham criado no Porto a primeira galeria de arte do país: a Galeria Alvarez, ainda em funcionamento. Jaime Isidoro, também aguarelista, tem em António Cruz um dos seus grandes mestres e cita-o em várias das suas obras. O encontro com os dois é possível nesta exposição, inclusive, escolha-se fotografia de uma obra que o pintor dedica ao amigo galerista, também pintor. Neste, como noutros trabalhos, dedicados aos amigos, António Cruz é menos Inverno, é mais cor, sempre com a mesma luz dispersa no suporte, a figura humana que se dilui na paisagem e a constante procura da desconstrução do real a partir da mancha e da pincelada segura e sensível. Em António Cruz a paleta não se repete: as cores do Porto, da sua cidade, não as repete nas paisagens de Fão ou da região do Cávado; o azul de Paris transmite-nos o cosmopolitismo que o pintor por lá terá encontrado em finais da década de 1930 e o nevoeiro das terras da Grã-Bretanha é bem diferente do que, do lado de Vila Nova de Gaia, vê cair sobre a *invicta*.

António Cruz é ainda exemplo de um pintor sem género, de estilo próprio e intemporal, alheio a influências, ainda que se notem marcas das viagens e do que terá visto nos museus do mundo. É também exemplo do reconhecimento pelos pares. Proveniente de famílias muito humildes, serão os colegas da Escola de Belas Artes do Porto que, em 1934, após a morte de seu pai, movem montanhas para que possa continuar a estudar. O grupo, constituído por Domingos Alvarez, Guilherme Camarinha, Augusto Gomes, Agostinho Ricca, entre outros, consegue mesmo, junto da C.M.P., uma bolsa mensal de "trezentos escudos", que depois passará a ser suportada pela Freguesia do Bonfim. E é aquele coreto do Jardim de São Lázaro, no Bonfim, que António Cruz tantas vezes pintou. E quase conseguimos ouvir o rufo dos metais e o grave das madeiras numa tarde cinzenta de domingo.

OBRAS DAS COLECÇÕES /
WORKS FROM THE COLLECTIONS
MILLENNIUM BCP
ATELIER-MUSEU JÚLIO POMAR

CURADORES /
CURATORS
SARA ANTÓNIA MATOS
PEDRO FARO

ENTRADA LIVRE /
FREE ADMISSION

A FELICIDADE EM JÚLIO POMAR

HAPPINESS IN

5.12.15 —
21.02.16

GALERIA MUNICIPAL
DO PORTO
JARDINS DO
PALÁCIO DE CRISTAL

Mecenas da Galeria
fundação edp

Organização
Fundação Millennium bcp

EGEAC

ATELIER MUSEU JÚLIO POMAR

Porto.

«Quadrasoltas 5.º aniversário»

O Espaço Q | Quadrasoltas, no Porto, tem patente a exposição colectiva que assinala os cinco anos. «Quadrasoltas 5.º aniversário» é composta por trabalhos de todos os artistas que passaram por aquele espaço de diversas linguagens artísticas.

Retrato de uma amizade

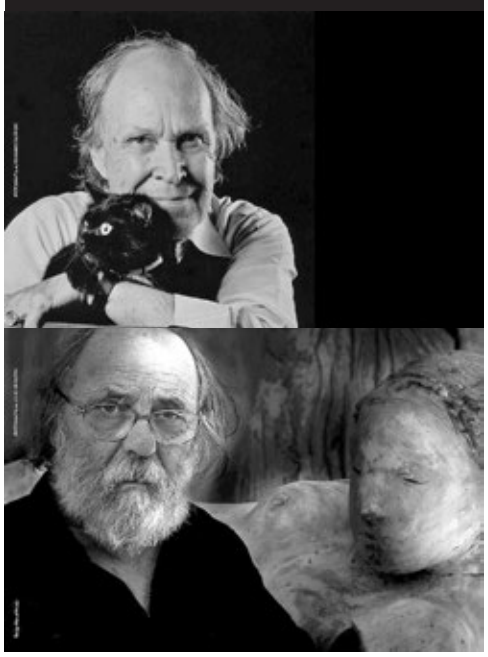
Dez anos passados sobre a morte do poeta Eugénio Andrade, a Câmara Municipal do Porto e a Fundação Escultor José Rodrigues promovem a exposição «Eugénio de Andrade - José Rodrigues | Retrato de uma amizade», que revela ao espectador a cumplicidade afectiva e cultural do poeta e do artista plástico. Dois nomes incontornáveis do panorama cultural português: Eugénio de Andrade e José Rodrigues. A mostra, com curadoria de Graça Martins e Maria Bochicchio, pode ser visitada, na Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto, até 27 de Fevereiro de 2016. Ao longo do período de exibição da mostra haverá sessões de poesia para lembrar e reavivar a poesia do poeta nascido na freguesia de Póvoa de Atalaia (Fundão) em 19 de Janeiro de 1923, viveu em Lisboa e acabaria por escolher o Porto para sua casa, onde morreu a 13 de Junho de 2005. A exposição presta igualmente homenagem a Paulo Cunha e Silva (o vereador da Cultura da Câmara do Porto recentemente falecido).

Crianças do IPO-Porto estrelas em exposição de fotografia

Vila Nova de Famalicão é a primeira cidade do país a receber a exposição itinerante «Fashion Kids», um projecto de solidariedade social que possibilitou às crianças do Serviço de Pediatria do IPO-Porto a oportunidade de, durante vários dias, "vestirem a pele" de um(a) manequim de moda. A mostra pode ser visitada até 20 de Dezembro, no Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave.

«Santiago Cidade Ilustrada»

Pode ser visitada no Mosteiro de Tibães, em Braga, até 22 de Janeiro de 2016, a exposição «Santiago Cidade Ilustrada». A mostra é um projecto expositivo que pretende mostrar o papel que a cidade de Compostela foi adquirindo na literatura infantil e juvenil e a história ao longo dos últimos anos. A presença desta exposição no Mosteiro de Tibães resulta de uma iniciativa conjunta da Direcção Regional de Cultura do Norte e da Junta da Galiza, no âmbito do Memorando de Entendimento Nortear. Também no âmbito deste Memorando está patente na Casa da Parra, em Santiago de Compostela, a mostra de fotografia «8 Espaços para 7 Olhares».



«Parte de Nós»

Porque acreditar que ser solidário é também uma forma de arte, a Baganha Galeria, no Porto, acolhe a exposição «Parte de Nós» com 10 por cento da venda de obras a reverter para o IPO-Porto. A arte contemporânea de artistas consagrados, residentes da galeria, como Júlio Resende, Francisco Laranjo ou Francisco Simões, ganha assim pinceladas de generosidade. O valor da venda de seis obras seleccionadas vai ser entregue na sua totalidade à Instituição. A mostra integra ainda obras de artistas convidados como Manuela Pimentel, Rosa Van de Vooren e Bagutel. Os visitantes também são convidados a ser artistas, pois terão a oportunidade de deixar a sua marca num painel a ser oferecido ao IPO-Porto. A exposição estará patente até ao dia 12 de Janeiro de 2016.

«Little boy blue»

A Enquadrar – Comércio de molduras, em Aveiro, acolhe a exposição de collages do artista plástico Seixas Peixoto «Little boy blue» até ao final do mês de Dezembro.

Prémios da II e III Bienal de Cerveira em exposição

Em jeito de retrospectiva, a Fundação Bienal de Cerveira propõe uma viajem até 1980 e 1982 e apresenta, até de 13 Fevereiro de 2016, artistas premiados na II e III Bienais de Cerveira. Nas palavras do vice-presidente da FBC, Henrique Silva, esta mostra, que reflecte "as memórias que dizem respeito ao historial das bienais de Cerveira, são a prova de que ela continua viva". No total são 20 artistas representados e 25 obras de arte de áreas como pintura, desenho, escultura, gravura entre outras.

Artur Bual/Pintura

«A Felicidade em Júlio Pomar»

Até 21 de Fevereiro de 2016 está patente na Galeria Municipal do Porto (Biblioteca Municipal Almeida Garrett) «A Felicidade em Júlio Pomar» - Obras das Colecções Millennium Bcp/Atelier-Museu Júlio Pomar, com curadoria de Sara Antónia Matos e Pedro Faro. Nesta exposição – a última que a Galeria Municipal inaugura este ano – apresentam-se, em quatro núcleos, os motivos que atravessam o universo imagético do pintor: os mitos e as figuras alegóricas; a articulação entre os corpos e o seu erotismo; o movimento e a presença constante de animais, em particular de cavalos; e um conjunto especial que se reporta direta e indiretamente aos posicionamentos políticos e as lutas travadas por este artista ao longo da sua carreira, incluindo o episódio que envolve o Cinema Batalha. Além deste conjunto, excepcional pela simbologia histórica, a Galeria Municipal apresentará também algumas das pinturas mais icónicas de Pomar.

Modelismo estático auto

A exposição patente na Ortopóvoa, na Póvoa de Varzim, de «Carrinhos, carrões, bólides e camiões - modelismo estático auto», Joaquim Carvalho e Natalina Carvalho, permite reviver os bólides e os rallys, nas cores e ambientes que foram assumindo ao longo dos tempos e permite confirmar que o maquetismo e o miniaturismo são também uma forma de arte. A mostra pode ser visitada até Março de 2016.

CORTESIA DA GALERIA DAS SALGADEIRAS COM O COPYRIGHT DO ARTISTA

«Das sombras e do nevoeiro»

A exposição de gravura e desenho «Das sombras e do nevoeiro» pode ser visitada até 9 de Janeiro de 2016, na Galeria das Salgadeiras, em Lisboa. Na mostra de Joanna Latka é apresentada uma selecção de gravuras e desenhos, produzidos desde 2007, e que se caracteriza pelo forte cariz expressionista, num registo monocromático e de intensos contrastes entre o claro e o escuro, numa clara referência ao expressionismo alemão.

«Chove no coração»

A exposição individual de pintura de Yolanda Novoa «Chove no coração» pode ser visitada, na Olga Santos Galeria, Porto, até 31 de Dezembro.

«Song Cycle» + «Precise Parts»

Depois de ter apresentado «Laissez Vibrer» em 2013 na Solar - Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde, Nuno da Luz regressa à galeria com a exposição «Song Cycle». Em simultâneo, no âmbito do projecto CAVE, dedicado à obra de artistas emergentes, Pedro Henriques apresenta, no mesmo espaço, «Precise Parts». Ambas as mostras, de acesso gratuito, podem ser visitadas até 24 de Janeiro de 2016.

«Histórias da Presença Portuguesa na Bienal de São Paulo»

A exposição «Histórias da Presença Portuguesa na Bienal de São Paulo» pode ser visitada no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, até 31 de Janeiro de 2016. A mostra – com organização conjunta do MNSR, Direcção-Geral do Património Cultural e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – conta e dá a ver algumas das histórias que esclarecem, sublinham ou ilustram as participações portuguesas na Bienal de S. Paulo, onde Portugal se fez representar desde a sua 1.ª edição, em 1951.

«Diversidade»

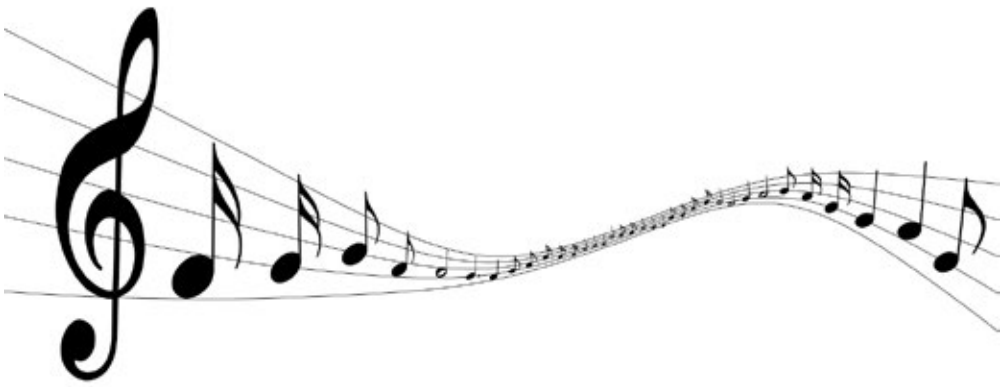
A Galeria Vieira Portuense (no Porto) acolhe a exposição «Diversidade», do colectivo de arte galega Alterarte, até 2 de Janeiro de 2016. Alterarte é uma iniciativa associativa com o objectivo de promover e difundir a arte galega mais actual. Recorde-se que no próximo sábado (19 de Dezembro) realiza-se a habitual sessão de «Poesia na Galeria» e será apresentada/lançada a «Colectânea Galeria Vieira Portuense 2015», pelas 16horas.

«A Porta da Ermida», de Pepe Caramés Campos

Carlos Tavares

As músicas que eu sei – XV

Défices, música e serviço público



Por formação e deformação profissional, quando falo de défices refiro-me, normalmente, aos do Orçamento ou das contas externas. Mas há outros tipos de défices entre nós. Falo, por exemplo, dos défices de ética e de cultura, que tantas vezes são, eles próprios, causa profunda de natureza económica e financeira. Basta pensarmos como tudo seria mais fácil se no mundo dos negócios, da política, da comunicação social e até do desporto prevalecesse o comportamento impecavelmente ético de todos os agentes, de tal modo que os melhores tivessem sempre mais sucesso do que os outros. Ou se uma educação e cultura mais completas dessem a capacidade de entender o país e o mundo, de distinguir o bem e o mal, a verdade e a mentira, os caminhos certos e os errados. Não adianta muito a afirmação repetida de que temos a geração mais bem preparada de sempre, baseada em indicadores estatísticos de graus de escolaridade que dizem muito pouco. Sobretudo, não dizem se esses graus deram aos nossos jovens os conhecimentos adequados, a cultura necessária e os valores correctos. Bastam o contacto social ou profissional ou até ver aquilo que muitos escrevem e dizem nos jornais, na rádio, na televisão ou nas redes sociais, para termos as maiores dúvidas (ou certezas...) sobre essa questão.

Já me referi em outras ocasiões a um daqueles défices em Portugal: o da cultura musical. Relevo-o particularmente, não só pela minha relação afectiva com a música mas porque entendo que a aprendizagem da música é um elemento importante da formação mais completa das pessoas. Seja pelo sentimento de recompensa do trabalho da aprendizagem que proporciona; seja pela disciplina a que obriga o espírito e pelo comprovado desenvolvimento de faculdades intelectuais que implica; seja ainda pelas lições práticas que dá sobre o trabalho em equipa, o companheirismo e até a lealdade quando é feita em conjunto; por tudo isto, a música deveria merecer, à semelhança de outros países, um lugar de relevo na aprendizagem geral. Não foi essa, até agora a escolha do nosso sistema de ensino. Por isso, os meios alternativos de divulgação, ensino e prática da música assumem um papel primordial. Também já me referi ao papel das bandas filarmónicas e das orquestras locais que, depois de um período de crise que quase as condenou, são hoje grandes escolas de música onde o ensino oficial não chega. Mas para além delas, existe um papel insubstituível da rádio e da televisão no preenchimento das lacunas da formação musical. E quando falo em formação musical não me refiro apenas a aprender a cantar ou a tocar um instrumento. Refiro-me sobretudo a aprender a ouvir e a apreciar a boa música, qualquer que seja o seu género. E a dar oportunidade, também aqui, a que os melhores sejam também os mais apreciados.

Neste aspecto, também o panorama actual não é particularmente animador. Basta ver a inqualificável "música" que ocupa as tardes de fim-de-semana das televisões, toda no mesmo ritmo acelerado, com "letras" de qualidade lastimável e "cantadas" em "play-back", sempre com a devida coreografia de "bailarinas" exuberantes. Poderiam e deveriam a rádio e a televisão públicas ocupar este lugar no fomento da cultura musical e simultaneamente do entretenimento de melhor qualidade, pois as duas coisas não são incompatíveis, bem pelo contrário. Uma boa gestão da generosa taxa do audiovisual deveria levar a uma afectação de uma parte adequada a esta finalidade de verdadeiro serviço público. Infelizmente, não pode dizer-se que seja esse o caso, apesar de algumas tímidas mudanças no período mais recente. Com efeito, não será propriamente um bom exemplo de serviço público de música o das tardes de fim-de-semana num modelo semelhante ao das televisões privadas; ou transmitir os escassos concertos de bons artistas portugueses de madrugada, enquanto passam no horário nobre as "estrelas" comerciais, por vezes associadas a iniciativas de marcas comerciais; ou fazer dos canais de rádio e televisão que não têm (por lei) publicidade, autênticas máquinas de promoção comercial de artistas seleccionados por critérios desconhecidos; ou ainda reduzir as oportunidades dadas aos jovens aos "concursos de talentos" de modelos importados e muitas vezes servidos por jurados com qualificações culturais e humanas bem aquém do necessário.

A verdade é que não tem de ser assim, porque já não foi assim. Basta recordarmos que a Emissora Nacional chegou a ter três orquestras: a Sinfónica, a Ligeira e a Típica. Que mantinham em actividade muitos e bons músicos e faziam programas com música ao vivo. A mesma Emissora Nacional que criou o Centro de Preparação de Artistas da Rádio, por onde passaram muitos dos grandes cantores dos anos 50 e 60 que, ouvidos hoje, mostram bem que tinham uma escola de canto, por muito que os procurem depreciar com o rótulo do "nacional cançonetismo". Criou ainda o Gabinete de Estudos Musicais, onde pontificaram Joly Braga Santos e Ruy Coelho, entre outros, para desenvolver a música portuguesa na vertente mais erudita. Por sua vez, à RTP se deve a organização do Festival da Canção que, até à segunda metade dos anos sessenta foi um acontecimento musical de grande importância na música portuguesa, onde se lançaram e consolidaram grandes intérpretes, compositores e orquestradores. A ela também se deve o inigualável Zip-Zip, que dispensa comentários tal foi o seu contributo, unanimemente reconhecido, para a cultura e a música em Portugal. Mesmo num período mais recente ainda foram feitos programas como o Parque Maior onde os artistas portugueses tinham oportunidade de cantar com uma boa orquestra ao vivo versões bem interessantes das suas canções. Ou concursos originais, bem concebidos e apresentados sem a gritaria, quantas vezes a roçar a boçalidade, de muitos dos actuais apresentadores. Recordo, a este propósito, "A visita da Cornélia", magistralmente apresentada pelo saudoso Solnado e que tinha o seguinte grupo de jurados: Raul Calado, Luís de Stau Monteiro, Maria João Seixas, Maria Leonor e Paulo Renato. Comparem, por favor, com a generalidade dos jurados dos nossos dias – e salvaguardo aqui as honrosas mas escassas excepções – e tirem as vossas conclusões.

Miguel Leite
divulgador musical

E se falássemos de Música?

Se olharmos com o olhar do coração, da generosidade, podemos considerar que *Luaty Beirão* é Músico...
Luaty Beirão venceu.
(À data em que redijo este artigo sabe-se basicamente que pelo menos vai ser julgado). Espera-se que com verdadeira justiça e imparcialidade.
Ainda bem.
Em Portugal também há muitas greves de fome.
Outras greves de fome.
Na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa há greve de fome.
Em inúmeras Academias de Música deste país há greves de fome.
No Ensino Regular há coisas ainda piores do que as greves de fome...
Desde erros grosseiros e tremendas injustiças nas colocações dos professores até professores ao serviço absolutamente esgotados, incapazes, derrotados pela idade e pelo cansaço, pelas depressões e outras maleitas do foro neuropsiquiátrico que são amavelmente convidados a irem para baixa médica independentemente de incompreensivelmente não se poderem aposentar sem serem fortemente prejudicados nas remunerações e regalias a que têm inalienavelmente direito.
Nas Academias de Música, e apesar de algumas correcções parciais já feitas pela tutela nas respectivas dotações orçamentais e financeiras, os problemas continuam...
Algumas, para além de tudo o mais, são também por vezes muito mal dirigidas – por inconsequentes *Viscondes de Rabaçal e da Encaixada Vetustez*, por *Condes das Aptidões Enfezadas* e por *Marqueses da Lampreia Gorda* – cujos méritos de gestão ou até musicais todos desconhecem...
Ocasionalmente, estes iluminados administradores, são ainda brilhantemente coadjuvados por inenarráveis Vereadores ou Vereadoras da Cultura (?) das Câmaras Municipais locais.
E assim vai a Música no nosso País!
Pejada de greves de fome!
A única diferença destas greves de fome para com a que *Luaty Beirão* protagonizou é que estes actores não podem dar-se ao luxo de deixar de comer... Comem mal. Muitos deles têm realmente uma alimentação deficiente, é certo. Mas não podem deixar de comer de todo pois não podem fraquejar e deixar de ter o ânimo e as forças mínimas necessárias para serem capazes de ir trabalhar.
Senão... É a miséria total... A indigência mesmo.
Ainda assim, pelo meio de todas estas greves de fome – e embora seja um fenómeno muito difícil de compreender – prossegue a conquista de Prémios Internacionais de grande prestígio por jovens músicos portugueses. A título de exemplo: o Oboísta Samuel Bastos (Oboísta Solista da Orquestra da Ópera de Zurique na Suíça), de 28 anos, acaba de obter o 1.º Prémio num importante Concurso Internacional de Oboé no Japão (*THE 11th INTERNATIONAL OBOE COMPETITION OF JAPAN 2015 in Karuizawa*).
Como habitualmente, o facto não foi devidamente noticiado.
Não obstante, se se tratasse de um jogador de futebol que fosse transferido de um qualquer clube português para um clube estrangeiro, ainda que de uma terceiríssima divisão, a notícia teria tido honras de tema de abertura dos telejornais das televisões nacionais.
Felizmente, o caso de Samuel Bastos está longe de ser o único.
Como somos um povo de heróis – só assim se explica este prodígio – são inúmeros os casos de jovens músicos portugueses que vão dando cartas por esse mundo fora nas mais prestigiadas Universidades, Orquestras e Teatros de Ópera um pouco por todo o globo, conquistando importantes prémios, projectando e dignificando a imagem do nosso país lá fora.
Contudo, e apesar de tudo isto ser conhecido, repito que não se lhe dá o devido destaque e divulgação.
É preciso notar que aqui há uns anos não existiam praticamente nenhuns casos assim. O nosso prestígio musical no estrangeiro resumia-se à popular genialidade da Fadista *Amália Rodrigues* (1920-1999) e à mestria dos Pianistas *Sequeira Costa* (N. 1930) e *Maria João Pires* (N. 1944).
Devo dizer que em meu entender há sobretudo três grandes motivos responsáveis pelo florescer da qualidade musical entre esta jovem geração de ouro de músicos portugueses que actualmente existe:
1 - O esforço e dedicação de cada um;
2 - O nascimento de mais de 200 Academias Particulares de Música em Portugal (um pouco por toda a província) nos últimos 20 ou 30 anos;
3 - A tenacidade, perseverança e o verdadeiro amor à Música que as centenas de Bandas Filarmónicas deste país têm incutido em milhares de jovens de Norte a Sul de Portugal com a formação que lhes foram dando à custa de muito esforço nas suas escolas.
Afinal, somos tão bons ou melhores do que os outros.
Não nos podemos é esquecer de lutar.
É do trabalho e da perseverança que nasce o sucesso.
Não é da sorte.
Luaty Beirão lutou.
Luaty Beirão venceu.
Ainda bem.
E nós?

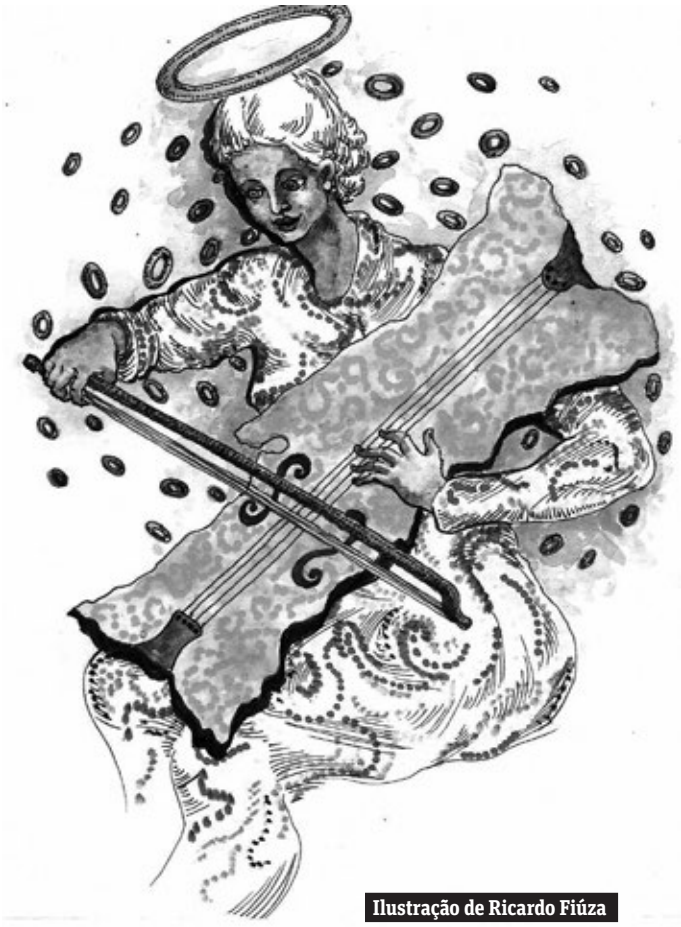


Ilustração de Ricardo Fiúza

Luís Cabral
bibliotecário, arquivista

Se as casas não tivessem memória

O Palacete dos Viscondes de Balsemão IX

Século XXI: um novo rumo

O aproximar de um outro século trouxe novos usos ao palacete que, como sabemos, havia sido dos Viscondes de Balsemão e, mais tarde, dos Viscondes da Trindade. Espaço de tradições culturais – a biblioteca do 2.º Visconde de Balsemão (a memória de seu pai e de sua mãe, a poetisa D. Catarina de Lencastre), a Academia Politécnica do Porto, o rei Carlos Alberto, o Visconde da Trindade...

Em 1996 foi a vez de a Câmara aqui instalar a sede da sua Direção de Cultura, recentemente estruturada enquanto departamento autónomo. Num primeiro tempo estiveram instalados no edifício diferentes serviços que, progressivamente, saíram, libertando assim espaços para atividades culturais públicas. A comunidade respondeu de um modo particularmente ativo ao novo destino dado à casa, prova da necessidade que havia de um espaço cultural nesta zona central da cidade.

Justamente no início do ano 2000, preparou-se um espaço que vários artistas viriam a considerar como atrativo e acolhedor, algo até intimista. Ao longo de quinze anos foram apresentadas, com grande regularidade, pequenas exposições de desenho, pintura, fotografia, etc., num total de mais de uma centena, contribuindo para criar e fidelizar públicos.

Numa colaboração que a Câmara Municipal do Porto estabeleceu com a Fundação Júlio Resende/Lugar do Desenho, expuseram neste novo espaço, entre 2001 e 2004, Júlio Resende, Zulmiro de Carvalho, Manuel Casal Aguiar, Armando Alves, Jorge Pinheiro, Marta Resende, Victor Costa, Sobral Centeno e Francisco Laranjo. Mestre Júlio Resende estará ainda presente no Palacete, em 2006, numa mostra de cariz autobiográfico.

Seguiram-se-lhes nomes como António Quadros Ferreira, João Menéres, António Domingos, João Paulo Sotto Mayor, David Rodes, John Wilkins, Plan D, Duarte Belo, Abreu Pessegueiro, Alberto Péssimo, Hugo Palmares, David Martins, Bruno Marques, Mário Vitória, Paulo Alegria, etc. Houve também uma abertura às escolas, sindicatos, comunidade em geral, acolhendo-se diferentes expressões e gerações artísticas.

Em 2006 foi possível abrir, numa base regular, o chamado Quarto do Rei, onde se alojou Carlos Alberto e antes estivera a biblioteca do Visconde de Balsemão. Esta é, sem dúvida, a principal dependência da casa, em termos de memória da Cidade, constituindo também um ponto de visita obrigatória e de reunião da comunidade italiana.

Em 2008 reabria nestas instalações o Gabinete de Numismática, verdadeira "joia da coroa" do património museológico da Cidade (inaugurado em 1988 na Casa Tait e que inclui a primitiva coleção de João Allen). Também o Banco de Materiais, no seguimento de todo um trabalho desenvolvido nas três décadas anteriores, para aqui veio em 2010, passando a dispor de um espaço de exposição permanente. Ambos os serviços beneficiam da grande centralidade que caracteriza o local.

A recuperação da Sala de Música para a sua função originária (com a colocação do Piano Bösendorfer 290 Imperial, adquirido pela Câmara em 1991) veio permitir a realização de recitais e concertos, a presença de escolas de Música em concursos e festivais, além da promoção e acolhimento de conferências e palestras, colóquios, sessões de poesia, apresentações de livros, reuniões da mais variada índole.

A valorização do Palacete foi completada pelo restauro e colocação ao público de algumas peças, entre as quais avulta a série de retratos da Família Real (D. Luís I, D. Maria Pia, D. Carlos e D. Afonso), trabalhos do pintor Francisco José Resende, numa encomenda (1885-1886) para a Escola Normal e que, há décadas, estavam dispersos por diferentes instalações municipais.

Com este artigo chegámos ao tempo presente desta casa. A série concluirá com um texto sobre o antigo terreiro, largo ou praça dos Ferradores (a partir de 1852, chamada de Carlos Alberto), uma espécie de segundo centro da cidade, ao tempo. Espaço marcado de um lado pela imponente fachada da Ordem do Carmo e de outro pela cativante vista daquela que foi a "Casa Balsemão".

NOTA
Próximo artigo: 13 de Janeiro de 2016
"A praça num espaço no tempo praça"

Cinco anos da morte do maestro Manuel Ivo Cruz

O maestro, compositor, musicólogo e historiador português Manuel Ivo Cruz morreu há cinco anos, a 25 de Dezembro de 2010. Tinha 75 anos. Com um currículo ímpar, procurou sempre divulgar os compositores portugueses. Deu o primeiro concerto, ainda como estudante, em 1954, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian e formou-se, com distinção, como maestro, pela Academia de Mozart da Universidade de Salzburgo, na Áustria. Regressou a Lisboa – onde nasceu e onde se formou em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – e tornou-se director musical e chefe da Orquestra Filarmónica da cidade. Dirigiu programas de música da RTP, colaborou nas temporadas de ópera do Teatro da Trindade e nos concertos das orquestras sinfónicas da RDP. Foi maestro director do Teatro Nacional de São Carlos, fundou e dirigiu os Cursos Internacionais da Costa do Estoril e foi maestro convidado em vários concertos e óperas em Espanha, Alemanha, França, Grécia, Itália, Brasil, Estados Unidos, Rússia e Venezuela. Procurou divulgar obras musicais portuguesas menos conhecidas, fazendo, para isso, investigação na área da musicologia histórica e apresentando um vasto repertório documentado, publicado pela EMI, Numérica e Tecla. Manuel Ivo Cruz recebeu, em 1969, o Prémio Moreira e Sá, do Orfeão Portuense, e foi distinguido pela França com o título de Oficial de Mérito Cultural e Artístico e pelo Brasil com a Ordem do Rio Branco. O maestro Ivo Cruz foi colaborador do jornal As Artes entre As Letras desde o primeiro dia, assinava a rubrica Reflexões em Dó Maior e aqui fica um texto inédito que escreveu para ser publicado neste jornal e que nos chegou posteriormente à sua morte.

Manuel Ivo Cruz
maestro

Espólio Musical do Maestro Manuel Ivo Cruz

Em Junho de 2009, o Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa recebeu o espólio musical do maestro. Ao longo dos 50 anos de carreira, Manuel Ivo Cruz dirigiu a maior parte das obras que se inscrevem no reportório da música sinfónica, sendo também um dos maestros portugueses que mais óperas dirigiu. A par da sua intensa actividade artística, o maestro Manuel Ivo Cruz cultivou uma bibliofilia intensa que lhe permitiu reunir um importante acervo documental que hoje pertence à Universidade.

O espólio musical do maestro contém inúmeros itens, tais como partituras de orquestra, óperas, música de câmara portuguesa, muitas delas dirigidas em primeira audição pelo próprio maestro. O acervo é ainda enriquecido por vários libretos dos séculos XVIII e XIX, gravuras, discos, colecções de postais e selos, programas de concerto ou ainda inúmeros livros de referência. A Universidade Católica Portuguesa, através da linha de acção de Estudos Musicais, do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) e da Biblioteca da UCP, procedeu à acomodação, tratamento e divulgação do espólio doado, utilizando-o para enriquecer o projecto científico e artístico da Universidade, e disponibilizar o espólio a quem demonstre interesse em conhecê-lo, estudá-lo e interpretá-lo. O projecto em curso MIC - Inventariação e Catalogação do Espólio Musical do Maestro Manuel Ivo Cruz do CITAR, já concluiu a catalogação de livros e partituras de Música Portuguesa. Desde 3 de Junho de 2011 o catálogo está disponível online.

Jornadas Maestro Manuel Ivo Cruz

Em Outubro (dias 1 e 2) realizaram-se as «Jornadas Maestro Manuel Ivo Cruz: duas gerações, a mesma paixão pela Música». Fruto de uma parceria entre a Biblioteca do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e o Teatro Nacional de São Carlos (TNSC), a iniciativa teve por objectivo a divulgação e a promoção dos espólios de duas figuras de relevo no mundo da direcção musical: o maestro Ivo Cruz e o seu filho maestro Manuel Ivo Cruz. As jornadas realizaram-se na BNP, onde houve lugar a comunicações sobre ambas as figuras, as respectivas carreiras e os espólios; e no Foyer do TNSC, onde foi inaugurada uma exposição documental proveniente destes espólios.

Reflexões em Dó Maior

Já referi, pelo menos uma vez, a actividade artística da Câmara Municipal de Matosinhos musicalmente inspirada pelo Dr. Manuel Dias da Fonseca; e apontei-a como exemplo de que todo o País, em termos culturais e sociais lucraria seguir.

Criar e sustentar um esplêndido Quarteto de Cordas é caso virgem no panorama municipal português; encomendar obras a compositores nacionais para a programação dos concertos do seu Quarteto é igualmente uma iniciativa ímpar, que deveria ser aclamada com entusiasmo e tomada por mais meia dúzia de autarquias responsáveis... para já escutaram-se obras de Nuno Corte Real, Pedro Faria Gomes, Ricardo Ribeiro, Carlos Azevedo e José Luis Ferreira, criteriosamente programadas com a mais atraente e conhecida criatividade de música de câmara universal – Mozart, Beethoven, Shubert, etc, etc... E aplaudimos também um concerto inteiramente preenchido com fascinantes composições de Luis Costa...

Sabemos estarem previstas ainda estreias de mais de meia dúzia de obras dos nossos novos Autores.

Embora já o tenha feita em outra Reflexão, não me parece demais tornar a referir os nomes dos instrumentistas do Quarteto de Cordas de Matosinhos, notáveis artistas que tão dignamente nos têm revelado as nada fáceis composições dos nossos modernos autores: Victor Vieira e Juan Maggiorani (violinos), Jorge Alves (viola) e Marco Pereira (violoncelo).

No Quinteto de Luis Costa saliento a bem integrada colaboração da pianista Elsa Marques da Silva.

NOTA
Texto inédito datado de Outubro de 2010

Victor Dias
director artístico

Maestro Manuel Ivo Cruz

Completam-se a 25 de Dezembro de 2015, cinco anos após a morte do Maestro Manuel Ivo Cruz.

Evocar uma personalidade da sua dimensão, é para mim um desafio exigente, quer pelas lembranças que me traz à memória, dos bons momentos que partilhamos no seio das famílias de ambos, como pelos extraordinários projectos em que trabalhamos juntos.

O Maestro Manuel Ivo Cruz era uma pessoa de finíssimo trato, e em toda a acessão do significado do termo, um verdadeiro "gentleman". Nele, a classe, o requinte e a nobreza de carácter impunham-se com tal simplicidade, que tudo fazia parecer suave e natural. E de facto, na sua pessoa, assim era.

Mestre na Arte da Pedagogia

Nas muitas horas que tive o privilégio de conviver com o Maestro, aprendi sempre muito. Aprendi com a sua imensa sabedoria e profunda erudição, e com o seu diálogo sempre tão enriquecedor. Ao longo de vários anos, no período em que foi Director Pedagógico do Conservatório de Música da Maia, tive a felicidade de me enriquecer, trabalhando quotidianamente com o Maestro, quer no projecto pedagógico da escola, como no seu plano integrado de desenvolvimento artístico, no qual envolvia de um modo muito entusiástico e comprometido, todo o corpo docente, numa visão holística que tinha para a formação dos jovens músicos. Uma visão que incluía o diálogo interdisciplinar com as outras Artes, como o Teatro, o Cinema, a Dança, a Literatura, a Pintura e outras formas de expressão artística.

Um fascinante contador de histórias vividas na primeira pessoa

É claro que a sua forma de contar as vastíssimas experiências artísticas, como Director Artístico e como Chefe de Orquestra, transformavam o tempo numa insignificância. As horas pareciam minutos, e as histórias sucediam-se sem que o meu interesse abrandasse um segundo que fosse.

As suas deliciosas narrativas das inúmeras viagens pelos cinco continentes, dirigindo algumas das melhores orquestras do Mundo, estavam no topo das minhas preferências, a que se seguiam os episódios, não raras vezes, cómicos e divertidos, vivenciados por ele, no mundo da Ópera.

Dotado de um sentido de humor que resultava de uma simbiose quase perfeita, entre a cultura latina e a sua formação germânica, mas também da sua inteligência superior, era capaz de nos surpreender agradavelmente, levando-nos a rir com gosto, sem embargo de requerer da parte dos seus interlocutores, uma certa perspicácia, sempre que nos brindava com os seus apontamentos de boa disposição. Apontamentos invariavelmente oportunos, que além de amenizar o ambiente de trabalho ou as circunstâncias da vida social, faziam de si, uma pessoa sempre Bem-vinda, pelo prazer que a sua presença aportava ao convívio com os seus colaboradores e amigos.

O Chefe de Orquestra

No trabalho, mormente no trabalho artístico, era de uma exigência e rigor extremos.

Lembro-me por exemplo, de o ver no ensaio geral do seu último concerto, no Fórum da Maia, dirigindo a Orquestra Gulbenkian, a cuidar ao detalhe, pormenores cuja essência escaparia por certo ao comum dos espectadores. Mas o perfeccionismo do seu modo particular de interpretar a Música que dirigia, e no caso muito em especial, as sinfonias n.ºs 40 e 41 de W. A. Mozart, jamais lhe permitiria fazer de outro modo.

Nesse concerto, o Maestro Manuel Ivo Cruz, para meu fascínio, dirigiu as obras de Mozart, sem nunca deitar os olhos à partitura.

Depois de tudo terminado, como era nosso hábito, fomos tomar um chá e trocar dois dedos de conversa, durante a qual o questionei sobre essa sua admirável capacidade, ao que ele me respondeu sensivelmente assim: – "... meu caro, aquela Música já não está só na partitura, está também na minha cabeça. Não é nada de extraordinário, é natural, é trabalho...".

Perdoar-me-ão os leitores que em vez de ter escrito um elogio em memória do Maestro, tenha optado por dar um testemunho pessoal sobre o meu querido e saudoso amigo, e num certo sentido, também meu Mestre, pessoa de quem guardo uma agradável saudade, pela sorridente amizade que sempre me dedicou.

Por razões profissionais, lido com imensos artistas de variadíssimos géneros, nesta espécie de "T zero" que é o mundo das Artes e da Música em Portugal, e devo dizer-vos que o Maestro Manuel Ivo Cruz foi em vida, e continua a ser, uma personalidade muito respeitada e prestigiada a nível nacional e internacional, sendo um dos vultos maiores da História da Música e da vida cultural portuguesa, quer na última metade do século passado, como na primeira década do século XXI, com inscrição por mérito próprio, nos principais compêndios de História, já publicados em Portugal e no estrangeiro.

Justiça

Tive a íntima satisfação de ter estado com o meu querido e comum amigo José Valle de Figueiredo na organização do merecido tributo que a Cidade do Porto lhe prestou em vida, agraciando-o em 2004, aquando da comemoração dos 50 anos de carreira artística, com a medalha de mérito da cidade, no grau OURO, numa justíssima homenagem que a Câmara Municipal do Porto lhe prestou, pela mão de Rui Rio, à época seu Presidente.

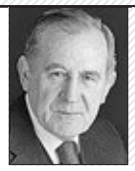
São muitos e de diversas origens e nacionalidades, os prémios de mérito e distinções honoríficas que o Maestro acumulou em vida, mas creio que ainda falta o reconhecimento de Portugal, sua Pátria tão amada, de cujos valores culturais, artísticos e civilizacionais sempre se orgulhou e promoveu tenazmente, com enorme dignidade.

Importa sublinhar que Manuel Ivo Cruz, além de ter sido um extraordinário pedagogo, um brilhante Maestro e artista de rara sensibilidade, desenvolveu enquanto Musicólogo, um vasto trabalho de investigação e reflexão sobre a cultura musical portuguesa, indagando por todo o espaço da Lusofonia, quer as influências que os portugueses levaram aos quatro cantos do Mundo, como as que de lá trouxeram, demonstrando que para além da língua comum, também na Música, os laços que unem esta comunidade são fortíssimos.

Fruto desse seu empenho e dedicação, teve uma apreciável produção, publicando em vários jornais e revistas de índole cultural, escritos de grande qualidade, não só pela substância do seu conteúdo, como pelo primor da forma como escrevia. Testemunho dessa missão que também abraçou em vida, pode dar a nossa comum amiga Nassalete Miranda, a quem o Maestro confiou imensos textos de inegável qualidade, que ela fez publicar nesse jornal de grande referência cultural, como foi "O Primeiro de Janeiro", em que foi ao tempo, sua directora.

Alguns dos seus textos mais ricos e densos, publicou a expensas próprias, em edições de autor, distribuindo-os generosa e graciosamente, pelos seus amigos, mas sobretudo pelas instituições de ensino da Música e bibliotecas.

Acalento ainda a esperança, de que um dia, Portugal, através da Presidência da República, faça a Justiça de reconhecer, com a dignidade e grandeza que merece, tudo quanto o Maestro Manuel Ivo Cruz fez pela Música Portuguesa, pelos nossos compositores e intérpretes, de quem foi sempre um incansável promotor e divulgador, em Portugal e no Mundo, pugnando permanentemente, para que os programas que dirigiu e organizou, ao longo de toda a sua vida, incluíssem obras de compositores da Lusofonia.



António Ramalho Eanes
ex-Presidente da República

Os valores do homem e do artista

Conheço e admiro, há muito tempo, já, Armando Alves. Oportunidade tive, pois, de ver e apreciar a sua forma de actuar, e de concluir que Armando Alves é um homem que não deixou, nunca, que a sua vida se transformasse em «destino».

Assim, de Estremoz, sua terra natal, transfere-se para Lisboa, onde frequenta a Escola de Artes Decorativas. De Lisboa, vai para o Porto, para frequentar a Escola Superior de Belas-Artes, onde exibe, logo, uma promissora excelência artística (conclui o curso de Pintura com nota máxima: 20 valores) – excelência artística, por vocação e talento, que não tardou a tornar excelência reiterada na sua multifacetada acção, de esperança e renovação de mudança, de procura sempre insatisfeita para o seu povo culturalmente dinamizar.

Sabido é que Armando Alves introduziu o estudo das Artes Gráficas na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde exercia docência. Sabido é, também, que esteve ligado a várias editoras, em que desenvolveu, com competência, inovação e brilho, trabalhos de diversa natureza (dirigiu graficamente obras literárias, produziu catálogos de exposições, programas de concertos e, até, de actividades desportivas). A suma apreciativa da excelência desta actividade, a que conferiu dignidade e, até, nobreza de espírito artístico, tradução pública teve na atribuição do prémio na Mostra de Artes Gráficas, Grafiporto 83, no Museu Nacional de Soares dos Reis.

Na pintura, Armando Alves, filho de muitos e diferentes chãos – Alentejo, Lisboa, Porto –, como que elabora sincreticamente as paisagens que o terão impressionado ao ponto de as interiorizar e, depois, ao público as «confessar» em variações de singular originalidade e brilho, até no manuseamento da luz e das cores.

Mas, de Armando Alves, enquanto artista, muito e bem já foi dito. Disseram-no, aliás, de maneira artística, exemplar, muitas vozes de muito crédito, como são as de todas as personalidades que o «testemunharam» na belíssima publicação *Escrito na cal & outros lugares poéticos para Armando Alves*, editada pelo grande Cruz Santos.

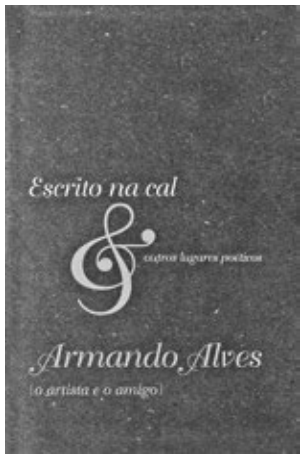
Para o final, deixei o homem: Armando Alves, o homem preocupado com os valores naturais do homem – valores tantas vezes atropelados –, o homem do agir político, do justo agir civil (civil na acepção que lhe dá Rafael Alvira, de tudo fazer para preservar e desenvolver a sociedade, no ético respeito pela liberdade e pela igualdade) – homem, esse, Armando Alves, que sempre se recusou a, comodamente, «balbuciar a vida», antes, e sempre, preferindo pô-la em jogo, por mais difíceis e arriscadas que fossem as situações, para expressar e oferecer, à liberdade interior do homem, o fruto dos seus talentos, para participar na dinamização cultural do povo, para o tornar ele próprio o agente defensor da sua própria liberdade.

Do amigo, sempre generoso e disponível, não falarei, pois bem o conhecerão amigos seus que neste evento resolveram participar para expressar essa amizade e, também, para homenagear Armando Alves, pela sua múltipla e excelente actuação, tanto na arte como na civilidade e na ética.

Não posso deixar, no entanto, de apresentar, até pela sua simplicidade, o retrato, breve, que o próprio Armando Alves faz da actualidade da sua vida: "Vou vivendo com a minha família em Matosinhos e Estremoz com a preocupação de o fazer tranquilamente e de acordo com os valores em que acredito"[1].

E, se cito este seu retrato, simples e incompleto, de apenas presente actualidade, é porque, olhando-o e olhando tudo quanto disse, a vida de Armando Alves me recorda o profundo sentido das palavras do poeta Du Bellay, em "Les Regrets", que me permito traduzir:

Feliz quem, como Ulisses, no final da sua travessia,
Ou como argonauta que conquistou o Velo de Ouro,
De regresso, pleno de experiência e de razão,
Entre os seus vive o resto dos seus dias.



NOTA

[1] CASTRO, Laura (Apres.) - *Escrito na cal & outros lugares poéticos para Armando Alves*. Porto: Modo de Ler, 2008

NOTA

Mensagem lida no 80.º aniversário do mestre Armando Alves

Manuel Leal Freire
advogado

Perenidade do estro

O poema musicado «Quero ser sempre estudante» ganhou indiscutivelmente direito a figurar entre os mais divulgados, apreciados e sempre actuais temas do nosso repertório.

Esta constatação merece tanto mais realce quanto é certo, que o seu autor musical, que acaba de fazer cem anos, acaba também de publicar um livro de antologia, com o sugestivo título «100 anos - Cem versagens».

Por gentileza, nada justificável do poeta, fui mimoseado com um exemplar, enriquecido com uma bela dedicatória, manuscrita com pulso firme, a confirmar a simultaneidade do vigor físico com a plenitude do intelecto daquele que justamente foi considerado um dos melhores alunos de sempre da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e o primeiro clínico a quem foi concedido o grau de especialista em Dermatologia.

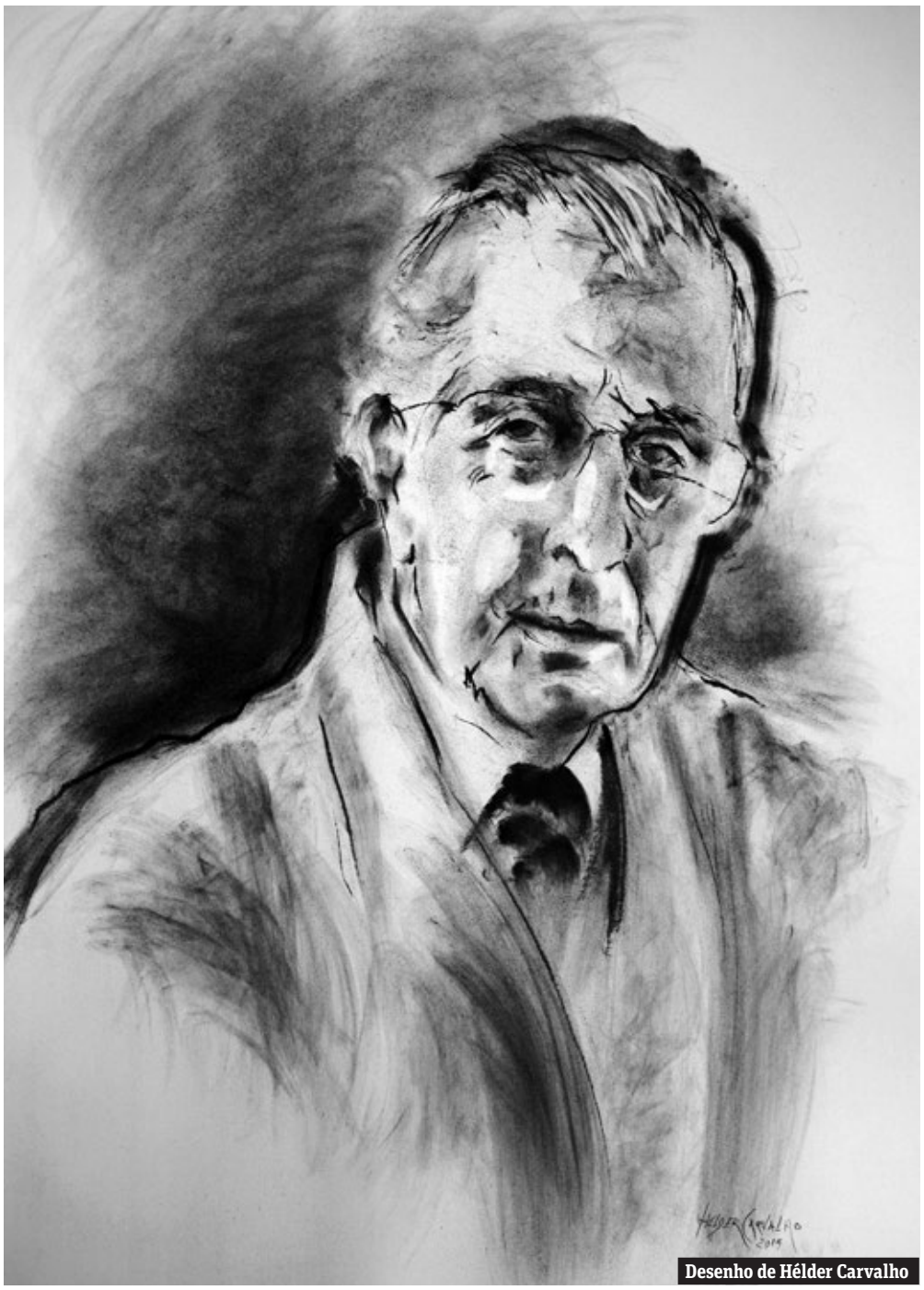
A mim, como professor da didáctica do Português e desinspirado versejador, cabe-me apenas render preito e menagem ao Ínsigne cientista e laureado.

Protegido das musas que ainda enriqueceu todos e cada um dos seus poemas, com propositadas e profundas citações.

Cícero, Kant, Gabriel d-Annunzio, Vargas Vila, Yasmine Camargo, Horacio, Aristóteles, Eurípides, Mateo Aleman, Camões, Balzac, Platão, Gautier, Jhonta Chri, Butler, Vitor Hugo, Salvador Dali, Padre António Vieira, Lutero, Montherland, G. Leopardi, De Lévis, Fenelon, Newton, Maquiavel, Tolstoi, Bocage, Séneca, Demóstenes, Cervantes, La Bruiere, Dryden, Emerson, Shaskpeare, Pascal, Wertheimer, Erico Veríssimo, Plínio O Velho, Virgílio, Ribeiro Couto, Miguel Torga, Baudelaire, Jorge Medauer, Paulo Homem, Casusa, Confúcio, Reverdy, Rabutin, Boileau, Abraam Lincoln, Dostoievski, Schiller, Dante, Luther King, Molière, Saint-Exupéri, Humberto del Maestro, Lope de Vega, Coelho Neto, Massillon, Pitágoras, Pascal, Maistre, Dubois, Max Forman, Hipócrates, André Gide, Salomão, António Granjo, Dalai Lama, Carlyle, Gandi, Stendhal, Omar Khayyam, Nabuco, Anatole France, Fernando Pessoa, Júlio Brandão e Tertuliano.

É quase impossível encontrar neste nosso vasto mundo outro inelectual cuja cultura se espraie por temas tão diversos e tão significativos autores.

Tanto como o de cem anos de versagens, o livro poderia ostentar o título milénios de cultura, que é milagroso acumular mesmo numa longa vida de cem anos.



Desenho de Hélder Carvalho

Acresce que há poemas que, em vez de a citação de nomes de relevo, o autor prefere luminosas sínteses manifestamente suas, não obstante a apocrifia onomástica.

Mas do que não há dúvida é de que as nótulas que encerram cada uma das poesias pressupõem um profundíssimo conhecimento. Tanto das literaturas de todos os tempos – da greco-latina ou mesmo sanscrita à dos dias hodiernos – russa, alemã, inglesa, francesa e espanhola, das três Américas e obviamente da portuguesa, do romanço até hoje. Como dos sistemas filosóficos de Aristóteles a Kant. Como da etologia de todas as religiões – Mono e Politeistas. Realce merecem ainda a beleza e profundidade do prefácio. E de louvar nele a importância que Nassalete Miranda já tem na defesa da cultura nacional no nosso tempo.

Daniel Jonas recebeu Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes

A entrega do Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes a vencedor da edição de 2015 teve lugar este mês no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Amarante recebe. Daniel Jonas, com o livro «Nó», foi o escolhido pelo júri designado pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), que analisou 77 obras apresentadas a concurso, das quais seleccionou seis finalistas: «Escuro», de Ana Luísa Amaral, «Nó», de Daniel Jonas, «Ritornelos», de Joana Emídio Marques, «A misericórdia dos mercados», de Luís Filipe Castro Mendes, «O fruto da gramática», de Nuno Júdice, e «Jóquei», de Matilde Campilho. Obra de sonetos, «Nó» foi publicado no ano passado pela editora Assírio & Alvim. A decisão de lhe atribuir o Grande Prémio Teixeira de Pascoaes deve-se, segundo a APE, ao "mérito muito assinalável do seu trabalho poético, que convoca a tradição lírica ocidental para uma recomposição textual lúcida e fortemente irónica, cosmopolita, atenta aos lugares e tempos de um presente recolhido e transfigurado". O Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes, no valor de 12 500 euros e de periodicidade anual, é uma iniciativa da APE, com o apoio da Câmara Municipal de Amarante.

O desafio da Traga-Mundos

Até Outubro de 2016, a Traga-Mundos, em Vila Real, está a desafiar os transmontanos (naturais de Trás-os-Montes e residentes) a escreverem um poema sobre uma imagem nova que será exposta na livraria a cada mês. O desafio foi criado pelo grupo Traga-Artes (secção artística da livraria Traga-Mundos) que é responsável pela criação das imagens (pintura, desenho, fotografia, etc) e que pretende fomentar o gosto pela escrita aliada à imagem. Os vencedores são conhecidos em Novembro de 2016. Refira-se que a imagem exposta pode também ser vista na página https://www.facebook.com/Traga-Mundos-livros-e-vinhos-coisas-e-loisas-do-Douro-245452008819998 e em www.traga-mundos.blogspot.com.

(Re)Lançado Prémio de História Alberto Sampaio

A criação do Prémio de História de Alberto Sampaio, impulsionada pelos municípios de Vila Nova de Famalicão e Guimarães e pela Sociedade Martins Sarmento, logo a seguir à evocação dos 150 anos do nascimento de Alberto Sampaio, correspondeu à consagração deste movimento cívico e cultural intermunicipal em torno de uma personalidade de dimensão nacional. Este galardão, cuja 1.ª edição teve lugar em 1995, tinha subjacente a ideia de juntar as instituições e os lugares por onde Alberto Sampaio se repartiu e deixou marca da sua actividade, associando-os ao estímulo e apoio à investigação histórica, área científica onde mais se notabilizou. A interrupção da atribuição do prémio a partir de 2008 conduziu à reformulação do regulamento e ao alargamento das entidades instituidoras. A nova edição do prémio, a lançar em 2016, quando se completam 175 anos sobre a data do nascimento do historiador, passa a ter a tutela científica da Academia das Ciências de Lisboa e integrará o Município de Braga, cidade onde Alberto Sampaio realizou os seus estudos preparatórios de acesso à Universidade de Coimbra.

Entregue galardão a Manuel Frias Martins

O Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho foi entregue ao vencedor desta edição, Manuel Frias Martins, que deixou grandes elogios à Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão pela aposta no ensaio como género literário de eleição. Manuel Frias Martins, crítico literário e ensaísta, doutorado em Teoria da Literatura, recebeu o prémio pela obra «A espiritualidade clandestina de José Saramago», onde propõe que a invocação do ateísmo pelo Nobel da Literatura funciona "como uma espécie de ocultação tática de um segredo autoral", que é a própria espiritualidade. Para o premiado, a iniciativa de escrever sobre Saramago surgiu "em primeiro lugar pela grande admiração pelo escritor, depois pela curiosidade crítica de ler para além do homem. Temos a tendência de associar a obra ao homem e por vezes as duas coisas não coincidem, aliás, raras vezes coincidem. A obra vai sempre além do homem", explicou. O prémio, em 6.ª edição, tem o valor pecuniário de 7.500 euros, é atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores com o patrocínio integral da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Prémio Padre Américo - Casa do Gaiato

Nos 60 anos da morte do padre Américo, a editora Modo de Ler, em colaboração com a Obra da Rua - Obra do Padre Américo, lançou o Prémio Padre Américo - Casa do Gaiato, cujas candidaturas decorrem até 31 de Março de 2016. O prémio "destina-se a contribuir para a divulgação do pensamento e da obra do fundador da Casa do gaiato, Calvário e Património dos Pobres" e "distinguirá os 15 melhores trabalhos sobre o Padre Américo e a Casa do Gaiato publicados na Imprensa Nacional ou Regional" sobre o padre Américo e a Casa do gaiato entre 1 de Novembro de 2015 e 31 de Março de 2016. Os trabalhos a concurso devem ser enviados para a editora Modo de Ler em seis cópias até 15 de Abril de 2016 e cada concorrente pode apresentar mais do que um trabalho.

Conferência sobre Cineteatro Augusto Correia

Rafaela de Sousa, mestre em História pela Universidade do Minho, é a última conferencista do ciclo de Conferências no Parque de 2015, em Vila Nova de Famalicão. Sob o título «O Cineteatro Augusto Correia na história do cinema de Vila Nova de Famalicão», a sessão realiza-se na próxima sexta-feira (18 de Dezembro), às 21h30. Revisitar a história da principal sala de espectáculos de Vila Nova de Famalicão "apetrechada com a melhor tecnologia que lhe conferia o título de um dos melhores cineteatros de Portugal" é a proposta para mais uma noite cultural na Casa do Território.

Submissão de artigos para a revista Diacrítica

Está a decorrer até 29 de Fevereiro de 2016 o período de submissão de artigos para o volume de 2016 da Série de Ciências da Literatura da Revista Diacrítica. Esta é uma revista académica editada pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), desde 1986, e subsidiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). A revista está aberta a propostas de publicação de investigadores internos e externos ao CEHUM que se enquadrem no domínio dos estudos literários. Os originais deverão ser enviados em formato eletrónico (doc e pdf) para litcehum@ilch.uminho.pt, bem como os pedidos de informação.

Bruno Vieira do Amaral recebe Prémio Fernando Namora

O Prémio Literário Fernando Namora, instituído pela Estoril Sol, referente a 2013, foi entregue ao escritor Bruno Vieira do Amaral pela obra «As Primeiras Coisas». O romance venceu por maioria de votos tendo em consideração que, "a obra de Bruno Vieira do Amaral singulariza-se pela estrutura romanesca, pela linguagem escorreita, pela efabulação, pela actividade temática e um forte sentido real". Recorde-se que a 17.ª edição do Prémio Literário Fernando Namora recebeu largas dezenas de candidaturas, tendo a 'short lis' integrado, além do vencedor, os escritores Afonso Cruz, Ana Margarida de Carvalho, Ana Cristina Silva, Luis Cardoso e Nuno Júdice.

Lançamento de «Exortação aos Poetas»

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto promove e acolhe o lançamento do livro «Exortação aos Poetas», de Vasco Gonçalves, amanhã (17 de Dezembro), pelas 16 horas. A sessão contará ainda com uma intervenção poética de José Manuel Mendes.

Visita à Torre do Clérigos acessível a todos

Aproveitando as recentes obras de renovação da Torre dos Clérigos, no Porto, foi construído um posto de percepção multissensorial que simulasse a experiência de subida à Torre do Clérigos acessível e disponível a todos os visitantes. Denominado «Percurso Acessível e a Sala A+» (acessibilidade +), este espaço foi proposto pelo Município, através da Provedoria dos Cidadãos com Deficiência. A sala A+ é um espaço cilíndrico, dispôs-se, de acordo com a orientação original, sete monitores (ecrãs) vigilantes sobre a paisagem, transmitindo em tempo real a circunstância. Através do ecrã táctil, os visitantes podem ainda "tocar nos edifícios principais visíveis nas imagens" e receber informações adicionais como o nome do edifício, ano, arquitecto, função e imagens do seu interior.

«Todos os céus do céu» em Português

A poetisa e tradutora Maria do Sameiro Barroso acabou de traduzir o livro «Todos os céus do céu» do poeta cubano Ramón Fernandez Larrea, em edição digital, acessível através das ligações: http://salamancartvaldia.es/not/99013/--traducido-al-portugues-el-libro-lsquo-todos--los-cielos-del-cielo-rsquo-del-cubano-fernandez-larrea/ e http://issuu.com/hebel.ediciones/docs/2015_-_todos_os_c__us_do_c__u_-_rfl. Recorde-se que «Todos os céus do céu» ganhou a sexta edição do Prémio Internacional de Poesia Gastón Baquero.

Últimas sessões dos Cafés Filosóficos e do Ciclo de Leituras Filosóficas

Os Cafés Filosóficos orientados por Tomás Magalhães Carneiro e o Ciclo de Leituras Filosóficas com Tomás Tomás Magalhães Carneiro e um convidado chegam ao fim. A última sessão dos primeiros realiza-se amanhã (17 de Dezembro) e a do Ciclo de Leituras Filosóficas, que teve como tema «O conhecimento» terá lugar a 21 de Dezembro. Com organização da Câmara Municipal de Gondomar, ambas as sessões decorrem às 21h30, na Biblioteca Municipal de Gondomar e requerem inscrição prévia e gratuita até ao máximo de 12 participantes.

Obras-primas de Krzystof Kieslowski no Campo Alegre

Em Março de 2016 cumprem-se 20 anos sobre a morte de Krzystof Kieslowski, um dos maiores realizadores do século XX, cujo cinema a Europa descobriria tardiamente. O Porto, no Teatro Municipal Campo Alegre, lembra-o repondo algumas das suas obras em cópias digitais restauradas. Hoje (16 de Dezembro) e dia 19 é possível ver «A Dupla Vida de Véronique», às 18h30, 22 horas; e 15h30, 18h30, 22 horas, respectivamente. A «Trilogia das Cores: Azul, Branco e Vermelho» pode ser visionada entre amanhã (17) e o dia 23 – «Três Cores: Branco» passa hoje e quinta-feira (18), às 18h30 e 22 horas; «Três Cores: Azul» passa a 22 de Dezembro (22h) e a 23 (18h30 e 22h); «Três Cores: Vermelho» pode ser visto nos dias 20 (15h30; 18h30; 22h) e 21 (18h30; 22h). Da série «Decálogo» só é possível assistir a um dos dois episódios exibidos: «Decálogo Sete: Não Roubarás», no dia 22, às 18h30. Todos os filmes são legendados em Português, com excepção de «Decálogo» que apenas tem legendas em Inglês.

Abertas inscrições ao concurso de marionetas

As candidaturas ao Concurso de Marionetas e Outras Formas de Animar – Mar _Marionetas 2016 deverão ser entregues, em mão ou por via postal, até ao dia 15 de Janeiro de 2016 nos serviços da Divisão de Cultura da Câmara Municipal de Espinho (sitos no Museu Municipal de Espinho). "O Mar_marionetas – Festival Internacional de Marionetas de Espinho é uma iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Espinho, desde 2006, que para além de se apresentar como uma mostra eclética de espectáculos reveladores do actual panorama do mundo das marionetas, realiza igualmente uma série de outras iniciativas complementares, de âmbito lúdico e pedagógico, e que têm garantido uma aproximação muito relevante aos diversos públicos".

A Festa dos Livros Gulbenkian 2015

A Festa dos Livros Gulbenkian 2015 decorre até 18 de Dezembro com várias publicações da Fundação a preços especiais e com muitas propostas de presentes para este Natal. Entre as peças já existentes e as muitas novidades, poderão ser encontrados objectos associados à colecção do Museu Gulbenkian e ao Centro de Arte Moderna, bem como às exposições temporárias que vão ser inauguradas, respectivamente, «Wentworth-Fitzwilliam. Uma Colecção Inglesa» e «O Círculo Delaunay». Amanhã (17 de Dezembro) será apresentado o livro «Reflexões sobre a Revolução na França», de Edmund Burke, por João Carlos Espada, Ivone Moreira e Carmelo Rosa, como habitualmente às 18h30, na Cafetaria do Museu.

Duplo concerto no 10.º aniversário da CCIFP

O Consulado Geral de Portugal em Paris promove um duplo concerto no próximo dia 18 de Dezembro, pelas 21h15. Organizado pela Câmara do Comércio e Indústria Franco-Portuguesa (CCIFP), os concertos de João Pedro Pais e de Pedro Abrunhosa realizam-se no âmbito das comemorações do 10.º aniversário da CCIFP e terão lugar na Maison de la Mutualité, em Paris.

Órgão de Tubos na Sé de Vila Real

A instalação do novo órgão de tubos da Sé de Vila Real vai, que se iniciou no passado dia 9 de Dezembro, deverá estar concluída na véspera de Natal. Seguir-se-ão, até ao início da Primavera de 2016, trabalhos de ensaio e afinação, de modo a garantir o pleno funcionamento do instrumento musical. A instalação de um órgão de tubos na Sé de Vila Real inscreve-se na afirmação da catedral como centro da diocese e pólo de excelência na vida cultural da cidade; servirá não apenas como suporte à liturgia própria do culto católico, mas sobretudo como difusor do reportório concertístico – integrando a cidade e a região nos circuitos europeus que têm este instrumento como solista ou acompanhante da actividade musical.

Inscrições abertas para o Festival Norte Dança

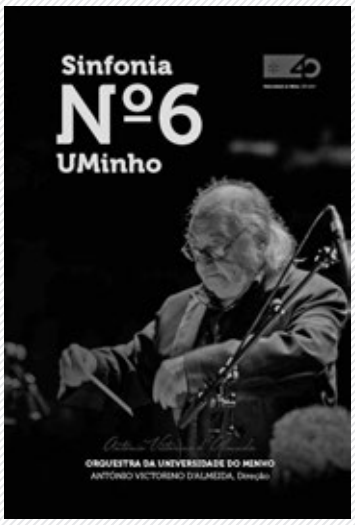
As inscrições para escolas e grupos de dança, directores, coreógrafos, bailarinos, professores, gestores e amantes de dança participarem no 18.º Festival Norte Dança já estão a decorrer e vão até 2 de Março de 2016 (ou até ao preenchimento das vagas). O Festival vai realizar-se nos dias 23, 24 e 25 de Abril de 2016 no Porto, na Exponor, das 9 às 21 horas.

Exposição e Gala de Bailado na Fundação A Lord

No próximo dia 19 de Dezembro, no Auditório da Fundação A Lord (Lordelo, Parede), pelas 21 horas, terá lugar a abertura da exposição colectiva de ilustração infanto-juvenil «Outro Modo de Escrita», organizada pela Fundação, com o apoio da editora Tcharan. à inauguração da mostra seguir-se-á, pelas 21h30, a Gala de Bailado, pelo Centro de Dança do Porto. A entrada é livre, com reserva de lugares até ao limite da lotação da sala (224 447 357; geral@fundacaoalord.pt).

Estreia do filme «Sinfonia N.º 6 UMinho»

No próximo sábado, 19 de Dezembro, o Salão Medieval da Reitoria da Universidade do Minho acolhe, às 18 horas, a estreia (exibição pública) do documentário de Dinis Ribeiro «Sinfonia N.º 6 UMinho», de António Victorino d' Almeida, com a presença do maestro, do realizador, do coordenador de Conteúdos, Miguel Leite, e de algumas figuras que participaram no documentário. Trata-se de um filme de 35 minutos que conta a história da encomenda desta Sinfonia do maestro António Victorino d' Almeida pela Universidade do Minho para assinalar as comemorações do seu 40.º aniversário. O DVD contém o documentário; a gravação do concerto em Lisboa, na Culturgest, em que se estreou a Sinfonia em Lisboa, com a Orquestra da Universidade do Minho sob a Direcção do compositor. Para além da Sinfonia, foi também tocada e gravada a Rapsódia para Piano e Orquestra do maestro tendo como solista a pianista Madalena Garcia Reis. O DVD contém ainda extras, compostos por depoimentos sobre a Sinfonia e sobre o maestro por diversas personalidades.



«O Lugar desconhecido» regressa ao Teatro da Vilarinha

«O Lugar desconhecido», espectáculo encenado por João Luiz, com texto de Álvaro Magalhães e interpretação de Patrícia Queirós, está de novo em cena até 10 de Janeiro de 2016. «O Lugar desconhecido» é o primeiro espectáculo que fará parte de um díptico intitulado «A Mata dos Medos» que Álvaro Magalhães aceitou adaptar para o Pé de Vento levar à cena, a partir do conto homónimo editado em 2010.

Sobrinho Simões eleito patologista mais influente do mundo

O presidente do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto (Ipatimup), Manuel Sobrinho Simões, mostrou-se "muito contente" por ter sido eleito o patologista mais influente do mundo e disse esperar que aumente o interesse naquela especialidade. "É evidente que fiquei muito contente exactamente por ser uma votação entre pares, de todo o mundo, em que há 100 nomeados e muitas das pessoas são patologistas que eu admiro imenso", afirmou à Lusa Sobrinho Simões, no dia em que foi conhecida a publicação da primeira lista dos 100 patologistas mais influentes do mundo pela revista «The Pathologist». Na lista encontram-se outros dois nomes ligados ao Ipatimup: a antiga presidente da Sociedade Europeia de Patologia Fátima Carneiro e Jorge Reis-Filho.

Quintas de leitura despede-se de 2015 com Eugénio

A última sessão de 2015 do ciclo poético Quintas de Leitura, que se realiza amanhã (17 de Dezembro), é inteiramente dedicada à obra de Eugénio de Andrade. Sob o título «O Sal da Língua», tem início às 22 horas e realiza-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto. A selecção de poemas é da autoria do poeta Rui Lage, que também fará uma introdução sobre a vida e obra de Eugénio. As leituras estarão a cargo de Filipa Leal, Conceição Lima, Júlio Machado Vaz, António Durães e José Carlos Tinoco. A sessão conta ainda com a participação especial de Miguel Pereira Leite e a mostra de fotografias inéditas pelo fotógrafo Dario Gonçalves, grande amigo do poeta e que o acompanhou até ao fim da sua vida. Para além de outros momentos especiais, a noite fecha com o pianista Júlio Resende, que interpretará temas inspirados na obra de Eugénio.

Crónicas de Fernando Alves no D. Maria II

De 17 a 20 de Dezembro, a Sala Estúdio transforma-se num estúdio radiofónico para a apresentação de «Sinais», um projecto que reúne as melhores crónicas de Fernando Alves de 2015. Referência da rádio e do jornalismo portugueses, a sua crónica, emitida diariamente na TSF, é um dos espaços fundamentais de pensamento crítico na Comunicação Social. Partilhando a ideia de um teatro nacional que se quer em contacto directo com os portugueses, Fernando Alves aceitou o desafio de subir agora aos palcos do Teatro D. Maria II (Lisboa). Para além do jornalista, o espectáculo contará ainda com música original e interpretação ao piano, ao vivo, de Filipe Melo.

TNSJ celebra Gil Vicente em Oficina de Natal

Gil Vicente é considerado o primeiro grande dramaturgo português, para além de ter sido poeta, músico, actor e encenador. E, para celebrar o "pai do teatro português" no ano em que se marcam 550 anos do seu nascimento, o Teatro Nacional São João (TNSJ), no Porto, propõe que a pausa das férias de Natal dos mais pequenos seja dedicada ao universo do dramaturgo. A Oficina Natal no Teatro, a realizar-se entre os dias 19 e 23 de Dezembro, está dividida em duas oficinas: uma para crianças dos seis aos nove anos, e outra para jovens entre os 10 e os 13 anos. A Oficina acontece entre as 9 e as 18 horas e a inscrição tem o custo de 70 euros.

Apresentação da estratégia «ScaleUp Porto»

A Câmara Municipal do Porto em parceria com a UPTEC, Universidade do Porto, Instituto Politécnico do Porto e Agência Nacional de Inovação, apresenta hoje (16 de Dezembro), às 14h30, a estratégia «ScaleUp Porto». Entre os pontos que compõem a sessão, destaque para dois debates: «As Cidades e o crescimento sustentável das Startups: Emprego qualificado, Inovação, Investimento e Parcerias» – com Rui Moreira (presidente da CMP), Luís Reis (administrador Sonae), Sebastião Feyo (reitor da UP), José Carlos Caldeira (presidente da Agência Nacional da Inovação), Ricardo Luz (administrador da Instituição Financeira de Desenvolvimento) como oradores; Stephan Morais (administrador da Caixa Capital) será o moderador –; e «Como crescer um negócio - De Startup a Scaleup» – moderado por João Ramos (jornal Expresso), terá António Silva (Nonius), José Fonseca (Mindera), Cláudio Fernandes (Adclick), Luís Sampaio (MOG Technologies), Luís Agrellos (GEMA) como oradores.

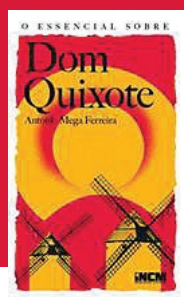
ENTRE LIVROS

Ler como quem ouve música

A escrita deste diário é discreta mas quase sempre sedutora, eficaz e, não raro, reveladora de um cúmulo da arte de escrever. É um convite irresistível: façamos como o autor deste diário singularmente belo – ouçamos a música subtil das palavras, escutemos os acontecimentos (ou nem tanto) desse presente que hoje é passado, reflictamos sobre o canto profundo que se esconde em passagens, às vezes, na aparência, tão anódinas... No nosso silêncio, a sós connosco, habitemos aquele mundo rico, cheio de murmúrios, pensamentos, emoções – que foi o mundo do diário de Fernando Aires.

Análise sistematizada da obra sobre Dom Quixote

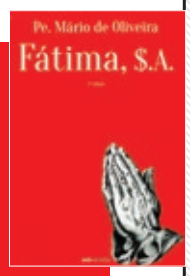
«O Essencial sobre Dom Quixote», de António Mega Ferreira, apresenta de uma forma clara, integral e com indispensável contextura, a obra que pela sua elevação pode ser considerada "a obra monumental que mais havia de marcar a literatura do ocidente europeu nos séculos seguintes".
A análise da obra encontra-se sistematizada em diversos planos não deixando nunca de sobressair o seu sucesso e a sua perenidade, enquanto marcas indeléveis de Dom Quixote, e que desfilam inteligíveis ao longo destas páginas.



Poemas que não deixam dúvidas

O livro «Silêncios», de José Miguel, com uma pintura de Jorge Pinheiro, é composto por mais de cinquenta poemas escritos entre 2013 e 2014 (inclui alguns que não têm data). Diz o editor, José Cruz Santos, sobre o livro: "Se poemas como os das páginas 11 e 43 não justificam que se gastem uns minutos a folhear este livrinho do filho do pintor Jorge Pinheiro, se não justificam, então é porque já começo a tropeçar na idade e desaprendi de ler poesia".

O regresso do Padre Mário de Oliveira a Fátima



Sobre o seu livro «Fátima, S.A.» (cuja 2.ª edição já está nas bancas), o padre Mário de Oliveira escreve na contra-capa: "Mergulhei, durante vários anos, em documentos tidos pelo Santuário e pela Universidade Católica Portuguesa, como fidedignos da "verdade" das "aparições". O resultado de toda esta minha investigação ao pormenor é o presente livro, tecido em duas partes. Dez capítulos na 1.ª parte, mais quatro capítulos na 2.ª parte, num total de 288 páginas".

Justiça, Estado e Povo Português

O último livro de José Maria Rodrigues da Silva, o ensaio «Pensar a Justiça, Repensar o Estado», e sub-titulado «Heróis do Mar, Nobre Povo...», desenvolve-se em torno de três ideias/forças: a Justiça, o Estado e o Povo Português. Mas, nos tempos injustos que vivemos, poderia a Justiça ser a reparadora de injustiças originadas no Estado ou na Instituição Regional em que este se insere? Estes tempos injustos não se fazem apenas de injustiças, mas também de perplexidades. Em que deverá consistir a reparação? Na sentença de um juiz ou na visibilidade mediática própria da "Democracia de Opinião", de que são pilares, entre nós, os media e o Ministério Público. Será por isso que o recurso ao Ministério Público começa a ser mais frequente que o recurso ao juiz?

«Ensaio sobre os factos e outras memórias»

Os protagonistas da obra «Os exilados | Não esquecem nada mas falam pouco», de Manuel Pedroso Marques, são exilados, deportados, banidos, torturados, refugiados e comuns emigrantes, portugueses, brasileiros, espanhóis, do exílio judeu, do galego e de outros, em diferentes épocas e circunstâncias. No caso de Portugal, salienta-se o quadro estratégico e político responsável pelo elevado número de emigrantes, exilados e estrangeirados, ao longo da nossa história. Também o Brasil e os exilados brasileiros em Portugal merecem especial referência neste «ensaio sobre os factos e outras memórias».

Quando escritores "se juntam" à mesa...

"Quem é que se atreve a fritar batatas com a garantia da qualidade das mãos do grande prosador Ramalho Ortigão? Quem prepara umas perdizes como o grande Fialho de Almeida ou Bulhão Pato e se atreve a dizer – e com razão – que as ameijoas à sua maneira, afinal, são da autoria de um grande cozinheiro chamado João da Matta?[...]. O autor José Viale Moutinho cumpre neste «Um jantar de escritores | Selecção de textos e notas epicuristas» mais uma vez o seu talento inventivo de escritor e a sua competência de incorrigível gastrónomo". A ilustração original da capa é de Fedra Santos.

9 771647 290000 00160

BPI CAPACITAR 2015

PROJECTOS VENCEDORES

O Prémio BPI Capacitar distingue projectos que visam a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência ou incapacidade permanente. Na sua 6ª edição, o BPI Capacitar registou 277 candidaturas e o Júri distinguiu 25 projectos de instituições privadas sem fins lucrativos, atribuindo um donativo total de € 700.000, mais € 200.000 do que nas edições anteriores.

O BPI agradece o trabalho do Júri de selecção e a participação de todas as instituições que se candidataram, que são o testemunho do interesse gerado por esta iniciativa, que irá repetir-se em 2016. A todos os premiados, as mais vivas felicitações e os votos de bom sucesso para os seus projectos.

1º Prémio

BIPP - Soluções para a Deficiência	Oeiras	€ 49.808

Menções Honrosas

CRIT - Centro de Reabilitação e Integração Torrejano	Torres Novas	€ 34.357
ColorADD Social - Associação	Porto	€ 39.201
Cerciespinho	Espinho	€ 34.424
Associação Atlântica de Apoio ao Doente do Machado-Joseph	Ponta Delgada	€ 22.965
APCAS - Associação de Paralisia Cerebral de Almada Seixal	Seixal	€ 33.211
Crinabel, Cooperativa de Solidariedade Social e Ensino Especial, CRL	Lisboa	€ 22.200
APPACDM de Matosinhos - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental	Matosinhos	€ 22.966
Crescerbem	Lisboa	€ 30.277
APPACDM da Covilhã - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental	Covilhã	€ 12.912
CERCIOEIRAS - Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos com Incapacidade, CRL	Oeiras	€ 48.794
Sport Club do Porto	Porto	€ 45.000
CERCIPENELA - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Penela, CRL	Penela	€ 35.500
AAJUDE - Associação de Apoio à Juventude Deficiente	Matosinhos	€ 21.735
ASCUDT - Associação Sócio-Cultural dos Deficientes de Trás-os-Montes	Bragança	€ 19.689
Comissão de Apoio Social e Desenvolvimento de Santa Catarina	Vagos	€ 22.680
Associação Spina Bífida e Hidrocefalia de Portugal (ASBIHP)	Lisboa	€ 18.376
ALADI - Associação Lavrense de Apoio ao Diminuído Intelectual	Matosinhos	€ 44.730
CERCIESTREMOZ - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados, CRL	Estremoz	€ 28.219
Centro Social Paroquial de Ribeirão	Vila Nova de Famalicão	€ 17.910
NOVAMENTE - Associação de Apoio aos Traumatizados Crânio-Encefálicos e Suas Famílias	Cascais	€ 26.500
Associação de Doentes com Lúpus	Lisboa	€ 20.000
APSA - Associação Portuguesa de Síndrome de Asperger	Lisboa	€ 22.896
Associação Distrital de Judo de Setúbal - ADJS	Almada	€ 16.000
Cercidiana - Cooperativa para a Educação, Reabilitação e Inserção de Cidadãos Inadaptados de Évora, CRL	Évora	€ 9.650

Para mais informações visite www.bancobpi.pt